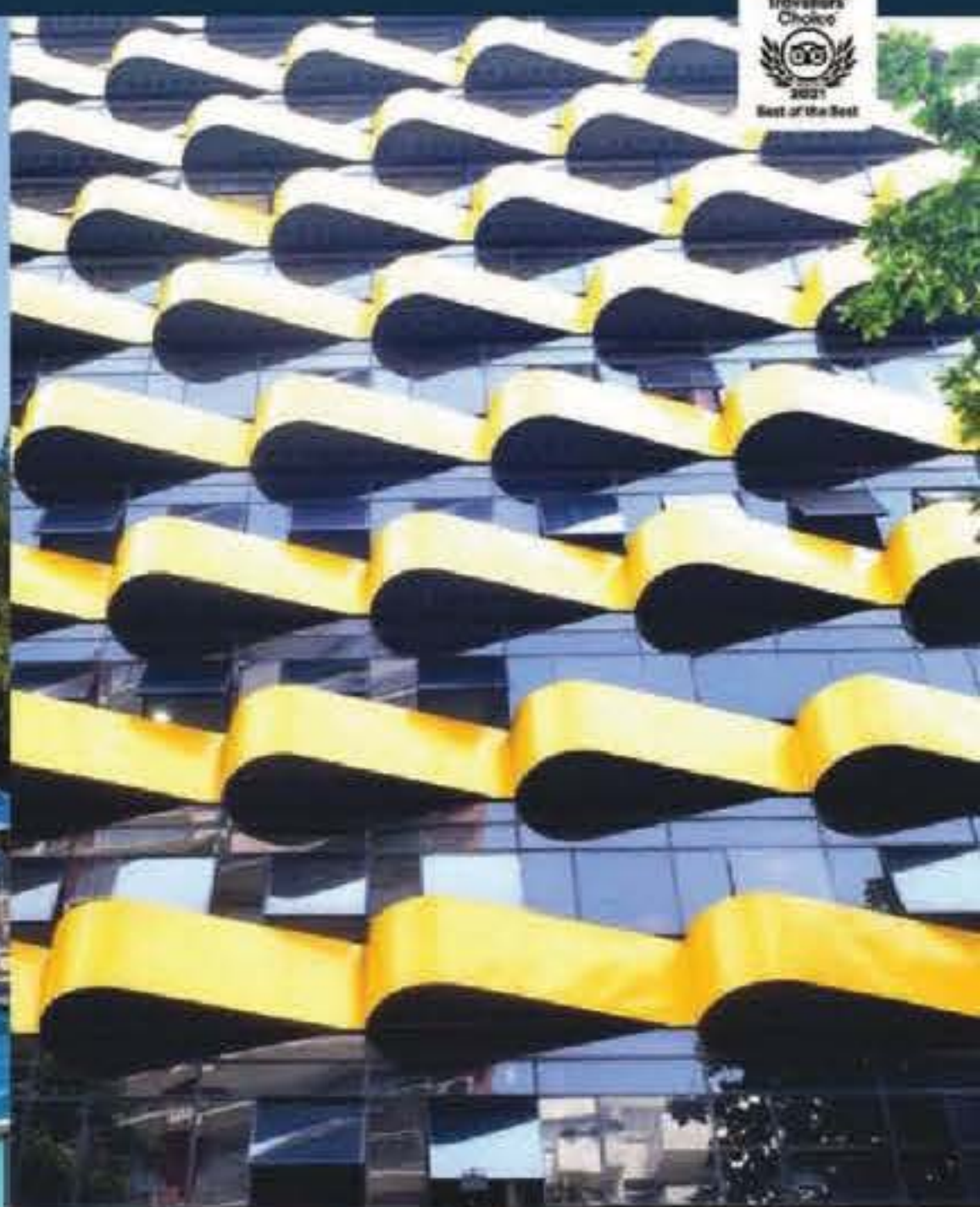
ISTOÉ
TRÊS
INFLAÇÃO
A HERANÇA
Em três anos de governo, Bolsonaro praticou uma política de desmonte do Estado. Desestruturou a Saúde e a Educação, provocou 14 milhões de desempregados, aumentou a miséria, reviveu a fome, trouxe de volta a inflação de dois dígitos, fez o dólar disparar e levou o desmatamento na Amazônia ao maior nível em 14 anos. Deixará uma bomba fiscal com suas pedaladas. A conta será paga a partir do próximo ano. Esse legado de terra arrasada vai exigir um trabalho inédito de reconstrução
FOME
14 milhões de desempregados
SAMU 192
AMBULÂNCIA

NOVO
PRAIA DO FORTE
HOTEL SESC CABO FRIO
SESC ALPINA
SESC NOVA

ENTREVISTA

LUANA ARAÚJO

Infectologista

"FALTOU UMA CABEÇA PENSANTE NO COMBATE À PANDEMIA"

Por Vicente Vilardaga

Quando fala na péssima gestão da pandemia no Brasil, a médica infectologista Luana Araújo, 40 anos, não cita o nome de nenhum político, ex-ministro e nem o do próprio Jair Bolsonaro, chamado por ela de "criatura", que tenha fracassado em seu compromisso público. Mas o tempo todo sabemos de quem ela está falando, dos quatro nomes que já passaram pela pasta da saúde neste governo e de uma administração vergonhosa que contribui para um aumento exponencial do sofrimento da população e do número de mortes. Funcionária do Ministério da Saúde por dez dias, em 2021, no começo da gestão de Marcelo Queiroga, ela viu ali que não havia espaço para a racionalidade, mas só para a mesquinharia política. Formada em medicina na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e com mestrado na Universidade Johns Hopkins, nos Estados Unidos, Luana tem claro que os atuais gestores da saúde se dedicam a promover a desinformação e deixar a população confusa. "Um dos grandes problemas foi a falta de um cérebro capaz de compreender o que é uma doença infecciosa e de aplicar medidas plausíveis baseadas na ciência", disse em entrevista para a ISTOÉ. "Enquanto o mundo inteiro agiliza a vacinação de crianças, por aqui a abordagem é completamente desconectada da realidade."

MANIPULAÇÃO Para Luana Araújo, os negacionistas do governo buscam chantagear emocionalmente a população

Você critica a postura do governo em relação à vacinação das crianças. É mais uma sabotagem?

A análise é sempre da política de saúde. E acho que a gente está vendo que a condução dessa política foi majoritariamente inadequada nesses dois anos. Foi anacrônica e contraproducente. Quando a gente olha para um sistema de vacinação avançado, que tem solidez - o programa brasileiro é invejado

no mundo inteiro -, essa condução jogou contra. Jogou contra esse histórico de competência que a gente levou tantas décadas pra desenvolver e, mais do que isso, contra a confiança que a população tinha no sistema. Enquanto o mundo inteiro civilizado agiliza e amplia a vacinação das crianças, compreendendo que essa doença causa problemas não só agudos, como possivelmente crônicos, a gente está aqui fazendo uma abordagem completamente desconectada da realidade.

E qual é o motivo? Por que combater a vacinação de todas as formas?
Acho que inicialmente você pensa em falta de informação. O que já seria bastante grave quando se trata de uma política de saúde pública. Depois você entende que não é só isso e que há uma agenda de prioridades prevalecendo sobre o bem comum. Está claro para todo mundo. Não é exclusividade do Brasil. Em outros países há movimentos antivacina, que são a expressão do momento de uma visão negacionista mais ampla. E é fácil identificar que não é um movimento pró-pessoas, mas pró-dinheiro. Existem pessoas e instituições que se alimentam financeiramente, socialmente dessa manipulação popular, dessa criação de um problema inexistente para a venda de uma solução exclusiva.

E que grupos e pessoas são essas?
É só você abrir o jornal hoje em dia. O grande balizador disso é a percepção de que há pessoas criando problemas inexistentes, com informações incorretas sobre a vacinação, por exemplo, ou oferecendo soluções estapafúrdias, desde medicações a procedimentos médicos. Isso é brincar com a saúde das pessoas. Sou uma ignorante jurídica, não é minha área, mas como cidadã, se isso não é um crime contra a saúde pública então não sei definir o que é. Um dos mais duros aprendizados desse período todo, pelo menos pra mim, foi compreender que a distância entre direito e justiça é gigantesca.

Por que a vacina sofre preconceito de alguns grupos sociais e os remédios não?
Fico tentando entender a mente dessas pessoas. E o que a gente vê é que se trata de um grande mercado explorador. Há uma facilidade de manipular emocionalmente a população. Quando a vacina chegou todo mundo queria, mas aí dizem que a vacina é nova, e você começa a aplicar e vê que as mortes estão diminuindo. Depois começa a vacinação das grávidas.

> "A Ômicron é extremamente perigosa, em especial para os não vacinados, como as crianças. É inadmissível que uma única criança morra por causa da Covid e da falta de vacinação"

Aí dizem que vai morrer gestante, neném. Nada disso aconteceu. Aí vêm os adolescentes e as crianças. Eles vão tentando pegar nessas ligações emocionais uma oportunidade de fazer dinheiro em cima das pessoas. E fica mais dramático quando você compreende que tudo é feito em cima do sofrimento alheio. É muito cruel de se ver isso. E agora a maioria dos pacientes que apresentam casos mais graves, mais agudos, é de não vacinados.

Vemos que as mortes estão diminuindo. Mas matar é o único grande problema da Covid-19?
Esse é um grande erro também, considerar que o único problema da pandemia é a morte pela doença. Talvez seja o que chame mais atenção numa situação aguda. Mas o que a gente tem visto é que a gestão pública tem prestado pouquíssima atenção, senão nenhuma, à Covid prolongada e às suas sequelas. Há um aumento do número de problemas cardiovasculares associados ao coronavírus e casos de diabetes deflagrados por ele em várias faixas etárias. Vemos também uma pandemia de doença mental e uma piora nos quadros neurodegenerativos. E o sistema de saúde não está lidando com isso. Considerar que se trata de uma doença grave porque ela mata é só olhar a ponta do iceberg. A gente vai ter efeitos dessa pandemia por muito tempo ainda.

Quais grandes erros de estratégia foram cometidos?
Existem alguns imperdoáveis. O primeiro foi ignorar as ferramentas que a gente tinha em mãos. Em uma pandemia você precisa mobilizar todos os seus recursos o mais rápido possível. Nosso sistema de saúde tem qualidades essenciais, como uma grande capilaridade, foco na atenção primária e uma forte conexão com a comunidade. Isso foi completamente ignorado. Nossa resposta foi focada na atenção terciária. O segundo grande erro foi a ausência absoluta de tecnicidade na gestão. Em nenhum momento, talvez na equipe do Mandetta, tivemos pessoal especializado para lidar com a pandemia. E, finalmente, a falta de um cérebro, de uma cabeça pensante conhecedora do sistema de saúde capaz de compreender o que é uma doença infecciosa e de aplicar medidas mais plausíveis baseadas na ciência. Foram quatro ministros da saúde em dois anos. As condições políticas que foram colocadas impediram que pessoas com capacidade técnica suficiente assumissem esses cargos. E houve um esforço para confundir a população ao invés de ajudá-la a compreender o que estava acontecendo. >>

FOTOS: IARA CUNHA; WALLACE SILVA/AGÊNCIA ESTADO

Quando se fala de desinformação tudo começa com o presidente Bolsonaro?

Acho que o sistema todo que funciona dessa forma, no qual essa criatura, essa pessoa é a parte mais visível e mais potente. E quando você tem uma figura de tamanho destaque todo mundo quer saber o que ela está dizendo, quais são os próximos passos, porque essas são as decisões que influenciam no dia a dia. Seria preciso abandonar as mesquinharias político-partidárias e compreender que a saúde pública está acima de tudo.

Qual a lição que tirou da experiência de dez dias como funcionária do Ministério da Saúde?

Eu me preparei a vida inteira pra fazer o melhor possível e ajudar o máximo de pessoas com as oportunidades que aparecessem. E quando essa oportunidade apareceu a gente estava no pior momento da pandemia. Já tinha uma noção de como as coisas funcionavam no ministério por causa de trabalhos em conjunto. Estava claro para todo mundo que o necessário naquele momento era a retomada do bom senso e eu buscava entregar meu conhecimento de infectologista. Mas vi que era impossível. Não havia espaço para a racionalidade. Você tem uma influência política interna muito grande. A minha sensação lá dentro era de havia uma grande massa de pessoas querendo fazer a coisa certa, mas geridas por indivíduos sem competência e sem comunhão de interesses com a população. Acho que a única infectologista que passou por ali até esse momento em cargos de coordenação fui eu. É o cúmulo.

Houve um ministro completamente ignorante em assuntos de saúde, o Eduardo Pazuello. E quando você entrou era o Queiroga, um médico. Você esperava mais dele?

Quando você fala em gestão de saúde você espera alguém com formação na área, que consiga desempenhar um trabalho mais efetivo. E há sempre uma expectativa maior quando você tem um gestor especializado. Mas vendo os números, acho que eles são muito claros. Na gestão do Queiroga a gente teve mais mortes e uma aceleração da pandemia. Olhando de uma maneira justa, herdou-se uma gestão catastrófica, mas nada se fez para recuperar isso.

Um aspecto positivo disso tudo é a atuação da Anvisa. A agência está cumprindo sua função?

É um grande exemplo de como a gente precisa evoluir na gestão pública para incorporar a ideia de independência política. A independência da Anvisa dá a ela a oportunidade nesse momento de ser técnica. E qualquer outro órgão público que queira ser técnico hoje em dia não consegue. Esse é um problema do sistema, que é vulnerável a interferências políticas a cada quatro anos e não atende a população em longo prazo.

E sobre a variante Ômicron, o que você diria?

É uma variante que acumula mutações que a fizeram muito mais transmissível. Alguns pesquisadores falam de uma capacidade de transmissão para até vinte pessoas. É uma transmissibilidade absurda. E quando se observa uma letalidade menor é preciso tomar cuidado. Ainda que a letalidade seja mais baixa, quanto mais forem infectados, maior será o número dos que irão sofrer com a doença. A Ômicron é extremamente perigosa, em especial para as pessoas não vacinadas, como as crianças. É inadmissível que uma única criança morra por causa da Covid e da falta de vacinação.

Qual é o resultado de seu trabalho nas mídias sociais?

É um lugar em que eu não imaginaria estar, mas que me acolheu e me deu um papel num momento em que as pessoas precisavam me conhecer como técnica. Entendo que quando fui para Brasília ninguém fazia ideia de quem eu fosse. Meu nicho de atuação é muito restrito. Mas quando saí de lá, principalmente depois da CPI, acho que houve uma tentativa de me desqualificar, que passar primeiro pela minha questão profissional, o que obviamente foi infrutífero, e depois buscou me atingir como pessoa, como mulher. É crime de gênero, de ódio, enfim, de calúnia. Teve ameaça, teve tudo. Aí entendi que precisava executar meu trabalho ou parte dele de forma pública. Quando entrei naquela CPI tinha um perfil pessoal com sete mil pessoas me acompanhando, e hoje são 330 mil em um perfil que só fala de ciência.

Você é música, pianista, cantora, o que isso te proporciona hoje?

Sempre estou, estive, e estarei envolvida com a música. Não é uma ligação com o negócio das artes, mas uma necessidade atávica pessoal de saúde mental, de existência e de manifestação. E uma das coisas mais esdrúxulas da face da terra foi quando tentaram me desqualificar como profissional de saúde dizendo que eu era cantora e pianista. Sou pianista clássica, toco desde os dois anos. É absurdo que um traço extremamente valorizado em todos os outros lugares do mundo pelos quais passei, aqui tenha sido usado como algo negativo. ■

> "Na gestão de (Marcelo) Queiroga a gente teve mais mortes e a aceleração da pandemia. Herdou-se uma gestão catastrófica, mas nada se fez para recuperar isso"

FOTO: ADRIANO MACHADO/REUTERS/FOTOARENA

Editorial

A CIÊNCIA CONTRA

Lá se vai um ano desde que a primeira agulha contendo o líquido redentor da Coronavac contra a Covid-19 foi aplicado no braço da enfermeira Mônica Calazans, em São Paulo, dando início a uma saga bem-sucedida que já imunizou, até aqui, mais de 150 milhões de brasileiros com as duas doses. É uma vitória e tanto e guarda em si, desde o seu início, a marca de um jogo sujo de sabotagens, postergações e atos de desprezo por parte do governo federal. É sabido: os brasileiros somente tiveram acesso às vacinas devido a persistência e as negociações paralelas que o intendente paulista, João Doria, resolveu empreender diretamente junto a fornecedores internacionais. Do contrário, o Ministério da Saúde — orientado pelo presidente Bolsonaro, que questionava a "pressa" para tratar da "gripezinha" — não teria se mexido nesse sentido. O mandatário não queria a vacina. Nunca quis e até hoje se recusa a tomá-la, protagonizando uma campanha deplorável, covarde e mentirosa contra os seus efeitos. Esse Messias do cerrado, que já insinuou riscos de o imunizante provocar Aids, sem qualquer base técnica ou levantamento concreto para tanto, e alardeou a ameaça de que todos virariam "jacaré" depois que recebessem as doses, vangloria-se, inclusive, de não autorizar a aplicação na filha menor. Fica irritado e entra em descontrole quando lhe cobram maior engajamento na defesa e compra de mais e mais vacinas, até para o uso infantil. Bolsonaro, como uma espécie de líder supremo de uma tropa de negacionistas enlouquecidos e raivosos, prefere a aposta no charlatanismo das drogas miraculosas, como a Cloroquina, que jamais apresentou resultados contra a Covid. Hoje é possível dizer, e reiterar, em alto e bom som: apesar do obscurantismo, da visão tacanha e criminosa do mandatário, que não perde um momento para profanar as conquistas das vacinas, a Ciência vem vencendo a batalha contra a ignorância. De maneira notória e indiscutível. O mesmo Brasil, que chegou a registrar mais de 3,5 mil mortos ao dia, em meados do ano passado, hoje tem baixíssimo índice de óbitos pela doença e está em franca redução dos casos, com perspectiva de controle da pandemia ainda nesse ano — como de resto vem ocorrendo em todas as partes. Sem a imunização, com o festival de variantes aparecendo a cada momento, a ameaça à sobrevivência da humanidade seria assombrosa. Não restam dúvidas. As estatísticas comprovam. A Covid já ceifou a vida de mais de cinco milhões de habitantes do planeta, quantidade comparável ao de vítimas de guerras mundiais. Atualmente, como demonstração clara da conscientização geral sobre os trunfos da vacina, oito em cada dez brasileiros apóiam seu uso nas crianças. Mais de 60% dos consultados atribuem ao presidente a responsabilidade e culpa pelo atraso no início do processo — o que, inevitavelmente, provocou a morte de muitos. Dizem que a campanha de desinformação do capitão não surtiu efeito sobre suas escolhas. Não faz muito tempo, o Brasil chorando seus mais de 620 mil mortos pela doença

Sumário

Nº 2713 - 26 de janeiro 2022

ISTOE.COM.BR

CAPA: FOTOMONTAGEM

FOTOS EDITORIAIS: AMANDA PEROBELLI/REUTERS; DIDA SAMPAIO/ESTADÃO; CHRISTOPHER PIKE/REUTERS; RODRIGO MORAES/BAND

CAPA A herança que o governo Jair Bolsonaro deixará é trágica em todos os setores. Desemprego, inflação em dois dígitos e pessoas passando fome. A sociedade levará anos para se recuperar da destruição

BRASIL
À frente do gabinete do ódio, Carlos Bolsonaro comandará ações ainda mais sujas e radicais que nas eleições passadas

Carlos José Marques, *diretor editorial*

OS NEGACIONISTAS

assistia ao chefe da Nação rasgando o Lago Paranoá, em Brasília, a bordo de seu jet ski ou nas cristalinas praias de Santa Catarina, dançando funk, fazendo motociatas e cavalgadas, que geravam aglomeração ou em churrascadas, para comemorar sabe-se lá o que, sem nenhum sinal de compaixão pela dor alheia. Como exatamente imaginar uma figura assim servindo de exemplo ou referência à maioria da população? Bolsonaro parece mesmo trabalhar contra o próprio objetivo vital de se reeleger. Dá razões para ser derrotado. Fragorosamente. O capitão cloroquina não acertou uma das previsões apocalípticas e desorientadas que fez. No rol das tolices, sacramentou: todos irão se infectar; não adianta isolamento e máscaras; a imunização de rebanho é a solução e menos de 800 pessoas no País perderão a luta para a Covid. Errou em tudo. Anunciou o fim da pandemia diversas vezes, como se fosse possível fazer isso por decreto, e ainda afrontou as agencias de vigilância, sugerindo interesses escusos dos técnicos por contrariarem seus desejos. Bolsonaro encarnou o pesadelo de uma sociedade inteira com o seu comportamento errático ao longo de um dos períodos sombrios de nossa história. Mas, apesar dele, e a despeito das sandices que tentou, estamos vencendo o mal. Suas teorias delirantes foram superadas pela ação, responsabilidade e conhecimento dos especialistas e das instituições democráticas, que deram respaldo aos estudos e mostraram o caminho da saída. Em determinado momento, para marcar a contrariedade que alimentava diante das pressões por vacina, o governo de Jair Bolsonaro chegou até a tirar de circulação o boneco Zé Gotinha, mascote das campanhas de imunização infantil. Para quê isso? Simplesmente para reiterar e evidenciar que o País não deveria jamais contar com ele, Jair Bolsonaro, e o seu time, no plano da gigantesca batalha a favor da vida. É exatamente uma pessoa assim que você imagina ideal para continuar no comando do Brasil? ■

FOTO: VILMAR BANNACH/PHOTO PRESS/FOLHAPRESS

por Antonio Carlos Prado

Diretor de Edição de ISTOÉ

PARA BOLSONARO? NEM MEIO VOTO

Há uma frase infalível do ex-presidente dos EUA Abraham Lincoln: "dê poder a um homem e descobrirá o seu caráter". Ao capitão Jair Bolsonaro foi outorgado poder. Hoje sabemos, além de seu caráter, também sobre o péssimo temperamento que o move. O Brasil tem mais de seiscentos e vinte mil óbitos causados pela pandemia de Covid-19. Faz-se público e notório que a desídia com a qual o presidente lidou com o fato, dentro do viés negacionista, contribuiu consideravelmente para tanto adoecimento com resultado morte. Também é conhecida a sua ausência de sensibilidade e a presença de uma personalidade desprovida de empatia, tal a omissão em relação aos que partiram enfermos e no tocante aos seus familiares. Pois bem, torna-se claro que nenhum cidadão que deu adeus a parentes ou amigos entregará sequer meio voto à reeleição de Bolsonaro. Percebe-se isso nas pesquisas e, convenhamos, nem poderia ser diferente: o presidente desaba nas percentagens de aprovação de sua gestão, ninguém (tirante bolsonaristas fanáticos) é masoquista a ponto de desejar a sua continuidade no poder.

Agora, em um olhar mais abrangente para a alma humana vemos que a pandemia deu a alguns a resiliência, deu a outros a ansiedade, deu ainda a considerável número de pessoas o desespero. Mas a todos ensinou valorizar sol e luar, um bosque, uma flor, uma planta e um animal, um aceno de mão ainda que seja de despedida, um sopro de vida — tantas tristezas que julgávamos infindas foram minimizadas e alojadas em sua devida dimensão. Muita gente aprendeu que a sua casa é um templo, não prisão. Claro que não queremos mais vírus algum e nenhuma de suas variantes como professores assassinos. Sumam! Desapareçam da Terra! Mas muitos seres humanos hão de convir que a pandemia lhes mostrou o quanto cientistas, médicos e pesquisadores estavam bem preparados para um trágico evento: nunca se chegou a vacinas com tanta eficiência e rapidez. Só os negacionistas desdenham.

Finalmente, e de volta ao Brasil, a doença nos mostrou que, ao contrário de Bolsonaro, a população é dona de um profundo sentimento de solidariedade. O vírus nos colou nos olhos uma infinidade de pessoas em situação de rua, e fez com que nos organizássemos para lhes dar o que comer. Está difícil encontrar alguém nesse País, à exceção do time do governo federal, que não tenha empaticamente socorrido os desprovidos da sorte. Os que saem da pandemia com os mesmos egoísmos de antes, esses não aprenderam nada. Ela está indo embora? Sim. O vírus da Covid, feito todos os vírus, adapta-se ao homem, e o homem a ele. A eleição de 2022 engendra 2023. A Bolsonaro não queremos adaptação. O sufrágio é a vacina contra ele.

por

O SILÊNCIO DOS BONS

Após os excessos do fim de ano, daqui a pouco vai começar mais um carnaval, mais um BBB, mais uma eleição... e, para a maioria, os dissabores de 2021 vão ficar para trás, cair na vala comum do esquecimento para dar lugar a novas agruras

E você, caro leitor? Como anda sua memória neste início de 2022? Ainda se recorda dos mais de 600 mil mortos pela Covid? Ou já esqueceu da crise de oxigênio de Manaus? Do kit Covid? Da corrupção na compra das vacinas? Da recusa de imunizar adolescentes e crianças?

Se a sua memória é fraca, a minha, por força do ofício, me lembra e obriga a lembrá-lo de todas essas mazelas. Eis meu mister jornalístico: a busca da verdade, ainda que muitos prefiram as fake news da tia do Zap.

Meu ofício me obriga a dizer que apesar das esperanças renovadas, nem tudo está bem. Que a Covid não foi embora junto com o ano velho. E que, após nove longos meses de trabalho, 1.180 páginas de relatoria e 78 pedidos de indiciamento, a CPI da Covid ainda não surtiu nenhum efeito legal, com alguns poucos pedidos de investigação, mas zero acusações formais.

As acusações contra a cúpula do Governo são graves demais para passarem despercebidas ou mesmo serem esquecidas pelo PGR

Rachel Sheherazade

Jornalista

Desde outubro, cópias do relatório final foram encaminhadas à Procuradoria Geral da República, a quem cabe oferecer denúncia contra pessoas com foro privilegiado, como ministros de Estado e o presidente da República. Aliás, Jair Bolsonaro é nada menos que o primeiro da lista, acusado de crimes como prevaricação, charlatanismo, epidemia com resultado morte, infração a medidas sanitárias, incitação ao crime, falsificação de documentos e extermínio.

Junto com o "chefe", foram denunciados os ministros Marcelo Queiroga, Onyx Lorenzoni, Braga Netto e Wagner Rosário, que, graças à fidelidade canina apresentada, seguem inabaláveis em seus cargos. Se criminosos fossem, dir-se-ia que estariam em continuidade delitiva.

As acusações contra a cúpula do Governo são graves demais para passarem despercebidas ou mesmo serem esquecidas pelo PGR.

Lembremos que a justiça é uma corrida de bastão: o que investiga entrega para quem denuncia, que entrega para quem julga, que, em última instância, pratica a correção e presta contas à sociedade.

Se um dos elos prevarica, a justiça não se realiza e a impunidade prevalece. E se o PGR continuar cego aos fatos, sem oferecer denúncia aos envolvidos, de nada adiantará outra CPI, como pretende o senador Randolfe Rodrigues. O grito é inócuo quando o interlocutor é surdo.Mas, eu continuarei a falar por mim e pelos mais de 600 mil, cujas vozes foram caladas pela Covid.

Neste momento, o que mais me preocupa nem é o grito dos maus, mas o silêncio dos bons.

por Marco Antonio Villa

Historiador

O PESADELO ESTÁ PRÓXIMO DO FIM

O Brasil inicia o ano já pensando no próximo, ou seja, no novo presidente da República que assumirá a 1º de janeiro de 2023, isto após superar o pior pesadelo da nossa história, a presidência Jair Bolsonaro. Há um sentimento de alegria, de que as urnas, em outubro, vão possibilitar ao eleitor escolher o substituto daquele que conspirou — e ainda conspira — diuturnamente contra o Estado democrático de Direito.

Mas até o final feliz deste terrível drama, temos todo um ano a percorrer. E, com a mais absoluta certeza, Bolsonaro não vai perder a oportunidade de buscar o conflito, o confronto, com os democratas, com os Poderes constituídos, com a Constituição de 1988. Para complicar este quadro temos a permanência da pandemia com efeitos ainda impossíveis de serem quantificados. E a contínua luta obscurantista de Bolsonaro contra a vacina e as recomendações sanitárias indispensáveis para enfrentar a Covid-19.

Se Bolsonaro seguir na Presidência até outubro, o Brasil assistirá pela primeira vez a um candidato derrotado governando por mais um trimestre

Pelos primeiros sinais apresentados por Bolsonaro logo na primeira quinzena de janeiro, a tendência é de que aumente seu isolamento político. Não há nenhum indicador que apresente uma possibilidade de que as pesquisas de intenção de voto alterem o atual quadro, extremamente desfavorável à sua reeleição. Ele será o primeiro presidente da República derrotado na tentativa de ser reeleito — diferentemente de Lula (em 2006) e Dilma (em 2014). Desta forma, caso ele permaneça na Presidência até outubro, o Brasil assistirá pela primeira vez a um candidato derrotado governando por mais um trimestre. E, o que poderá ser sombrio para o País, com a possibilidade de tentar tensionar ainda mais o clima político.

Se a sorte de Bolsonaro já foi lançada e condenada à derrota, ainda é cedo para afirmar que a eleição será decidida no primeiro turno ou de que já há um vencedor no segundo turno. Evidentemente que Lula aparece, neste momento, como favorito. Mas até o dia 2 de outubro mauita água ainda vai correr sob a ponte. Nas duas últimas eleições tivemos surpresas nos meses de agosto (2014) e setembro (2018). Neste pleito a conjuntura política é muito mais complexa desde o restabelecimento das eleições diretas para a Presidência da República, em 1989.

O afastamento da possibilidade de Bolsonaro chegar ao segundo turno será extremamente benéfico ao processo eleitoral. Permitirá um debate de ideias, mesmo com a presença — inevitável — das agressões, tão típicas de uma eleição brasileira. E os dias de aflição serão apenas um registro da história.

Frases

"SÓ NÃO FALIU POR NOSSA CAUSA"

JORGE BEN JOR, compositor e cantor, referindo-se ao período em que ficou confinado no hotel Copacabana Palace

"EM CASA, EU SOU A RAINHA. ADORARIA TER UMA PRINCESA, MAS JÁ ENCERREI AS ATIVIDADES"

LUIZA POSSI, cantora, após ser mãe pela segunda vez

"São as narrativas que definem as eleições"

FERNANDO SCHÜLER, cientista político

"Não vejo a menor chance de Geraldo Alckmin ser vice do Lula pelo PSD"

GILBERTO KASSAB, presidente nacional do PSD

"EU NÃO VOU FAZER UMA BIOGRAFIA DE ELIS. O QUE VOU FAZER É UMA FANTASIA BIOGRÁFICA"

GUSTAVO DUARTE, desenhista, a respeito da criação do livro em quadrinhos sobre Elis Regina

"PRETENDO CONTINUAR ACOMPANHANDO O ESPAÇO SIDERAL"

VERENA PACCOLA, estudante universitária de medicina, que descobriu 25 asteroides e foi premiada pela Nasa

FOTOS: DIVULGAÇÃO; REPRODUÇÃO INSTAGRAM; UESLEI MARCELINO/REUTERS

por Fernando Lavieri

"O MACRONISMO TEM ENORME RESPONSABILIDADE NA DIREITIZAÇÃO DA POLÍTICA FRANCESA"

THOMAS PIKETTY, economista, opondo-se a reeleiçao Emmanuel Macron à Presidência da França

"A SITUAÇÃO NO AMAZONAS É ASSUSTADORA"

FELIPE NAVECA, virologista e pesquisador da Fiocruz em Manaus, sobre o recrudescimento da Covid

"OS GOVERNOS RECORRERAM AO ESTADO DE EMERGÊNCIA"

DANIEL ZOVATTO, Pesquisador da Universidade Católica de Chile, explicando como a América Latina lidou com a pandemia

"A reforma política deveria começar pelo fim do financiamento público para legendas e campanhas"

JOÃO AMOEDO, ex-presidente do Partido Novo

"O Centrão dá as cartas no governo Bolsonaro, como deu nos governos do PT"

SERGIO MORO, ex-juiz e candidato a Presidência da República

"O MODELO DE DIREITO DE FAMÍLIA ESTÁ DESATUALIZADO"

EDSON FACHIN, ministro do Supremo Tribunal Federal, defende a modernização do Código Civil que completou vinte anos

"Governadores congelaram o ICMS por 90 dias, mas a gasolina continua aumentando. Então, de quem é a culpa?"

RANDOLFE RODRIGUES, senador, crítico a política de preços de combustíveis do governo Jair Bolsonaro

"FOI AQUI QUE APRENDI A SURFAR E ONDE ACREDITARAM EM MEU SONHO"

ÍTALO FERREIRA, surfista, depois de ser homenageado com uma estátua no Rio Grande do Norte

por Germano Oliveira

Colaborou: Marcos Strecker

Brasil Confidencial

MINISTÉRIO Doria e sua equipe econômica, com Meirelles comandando Vanessa Canado, Ana Carla Abrão e Zeina Latif

As vitrines de Doria

João Doria vai mostrar na campanha para presidente que as marcas conquistadas por seu governo em São Paulo deverão ser reproduzidas por ele na condução da economia brasileira a partir de 2023. O tucano demonstrará que o trabalho de gestão eficiente proporcionou ganhos extraordinários para a economia paulista, com taxa de crescimento superior à brasileira e atração recorde de investimentos, com os quais foi possível responder às demandas sociais e reduzir o desemprego, por exemplo. As vitrines de Doria serão apresentadas por **Henrique Meirelles**, secretário da Fazenda, que contará com uma equipe de mulheres de primeira linha: **Vanessa Canado**, ex-assessora do Ministério da Economia; **Ana Carla Abrão**, ex-secretária da Fazenda de Goiás; e **Zeina Latif**, ex-economista-chefe da XP.

Investimento

O destaque será a recuperação da capacidade de investimentos do estado, muito superior à do Brasil. São Paulo conseguiu atrair investimentos privados no valor de R$ 189 bilhões, além dos R$ 50 bilhões do governo estadual com o ajuste fiscal nas contas públicas: 8 mil novas obras estão em andamento, com a geração de 220 mil empregos.

Crescimento

Em decorrência do enxugamento da máquina pública (com o fechamento de estatais inoperantes, concessões e PPPs), o governo paulista teve um desempenho superior ao obtido pelo governo federal. Em 2020, o PIB do Brasil caiu 4,10%, enquanto o de São Paulo cresceu 0,40%. Em 2021, o PIB de Guedes subirá 4,5%, enquanto o de Meirelles aumentará 6,4%.

O ministro do atraso econômico

Os petistas começam a sair das tocas em que se enfiaram desde que os principais líderes do partido foram presos por corrupção. Esse é o caso de Guido Mantega, ex-ministro de Lula e Dilma. Credenciando-se para ter voz ativa na campanha de Lula, ele escreve artigos em que defende o fim do teto de gastos, o enterro das privatizações e a garantia da volta das empresas campeãs, com juros subsidiados.

RÁPIDAS

* O governador do Acre, Gladson Cameli, está encrencado. É acusado de corrupção na contratação de empresas no setor de Saúde. Segundo a PF, ele lavou dinheiro por meio de seu pai, Eládio. No primeiro ano de seu governo (2019), o pai recebeu depósitos de R$ 420 milhões.

*** Apesar de Ana Arraes se aposentar no TCU somente em julho, a guerra pela vaga já está aberta na Câmara (o posto desta vez caberá a um deputado). O deputado Jhonatan de Jesus, da Igreja Universal, é o mais cotado.**

* O Brasil quase perdeu o direito de ter assento como membro não permanente no Conselho de Segurança na ONU por estar inadimplente com suas obrigações na entidade. Guedes pagou R$ 3,64 bilhões da dívida no apagar das luzes.

Quando o Congresso aprovou a verba de R$ 4,9 bilhões para o fundo eleitoral, nenhum partido da direita ou da esquerda protestou contra a excrescência: o PSL ficará com R$ 604 milhões e o PT com R$ 594 milhões.

FOTOS: DIVULGAÇÃO; PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS; EDUARDO ANIZELLI/FOLHAPRESS; LUIS MACEDO/CÂMARA DOS DEPUTADOS; ZANONE FRAISSAT/FOLHAPRESS; UESLEI MARCELINO/REUTERS/ FOTOARENA

RETRATO FALADO

"Lula não pode fazer alianças a qualquer preço"

*Apesar de defender a união das esquerdas em torno de Lula, a deputada **Luiza Erundina** ressalva que o petista não pode fazer alianças a qualquer preço, como é o caso da união com o ex-governador Geraldo Alckmin (ex-PSDB). A ex-prefeita de São Paulo critica ainda a falta de propostas do petista para recuperar a economia. "Não vi até agora nenhuma discussão sobre o que ele pretende fazer com a economia ou a respeito da necessária austeridade fiscal imposta pelo teto de gastos."*

TOMA LÁ DÁ CÁ

MARGARETE COELHO, DEPUTADA DO PP-PI

Como relatora do novo Código Eleitoral, o que achou de Bolsonaro sancionar a volta da propaganda eleitoral?

Ao vetar os artigos que estabeleciam que as emissoras teriam direito à compensação fiscal, Bolsonaro pode inviabilizar a nova regra, visto que, como são pessoas jurídicas, não poderão doar o espaço.

O que acha das reclamações de parlamentares sobre a atuação da ministra Flávia Arruda?

O cargo exige um diálogo constante. É comum, às vezes, surgirem divergências. Fazem parte do processo democrático.

Qual sua opinião sobre o PP apoiar diferentes pré-candidatos à Presidência?

O nosso sistema partidário tem essa característica: manter a autonomia de seus órgãos estaduais e municipais.

Turbulências eleitorais

Em ano eleitoral, o clima é tradicionalmente conturbado. Quando se tem um quadro de polarização como o atual, em que os dois populistas estão à frente nas pesquisas, é de se imaginar que a beligerância entre petistas e bolsonaristas eleve a disputa eleitoral para algo parecido com briga de rua, ataques mútuos e sujos na Internet, fake news criminosas etc. O pior, contudo, serão as inquietações no mercado financeiro. A disputa eleitoral nos levará a situações perturbadoras na economia. Já se fala que o dólar chegará a R$ 6, que a inflação continuará subindo acima de dois dígitos e, por isso, será indispensável que Roberto Campos Neto continue mantendo os juros altos.

Juros nas nuvens

O próprio BC já anunciou que a próxima reunião do Copom subirá a Selic em mais 1,5%, com a taxa básica de juros crescendo para 10,75%. A tendência é dos juros atingirem 12,56%, mas fechando 2022 em 11,25%. O resultado é o que todos já sabem: queda do PIB, desemprego e risco de convulsões sociais.

Salto alto

A 10 meses das eleições, o PT dá como certa a vitória de Lula para presidente. Tanto que, em recente reunião do Diretório Nacional, os dirigentes lulistas começaram a traçar estratégias para o novo governo. Nomes para a composição da equipe estão até vazando: os governadores do Piauí, **Wellington Dias**, e do Ceará, **Camilo Santana**, estão cotados.

Repetindo 1994

Dias está sendo cogitado para a Casa Civil e Santana, para o Ministério da Educação. Antes, porém, os dois serão submetidos ao veredicto popular, como candidatos ao Senado. O PT está agindo agora como agiu em 1994. Naquele ano, Lula estava "eleito" e Fernando Henrique Cardoso tinha apenas 2%, mas ele fez o Real e venceu o petista de virada.

André Mendonça entre a cruz e a espada

A nova composição do STF, com André Mendonça no colegiado, poderá sinalizar se Bolsonaro terá mais ou menos força na Corte. O novo ministro assumirá sua cadeira no tribunal no dia 1º de fevereiro e já no dia seguinte decidirá se os policiais podem ou não realizar operações nas favelas. No dia 17, sua fidelidade estará à prova: decidirá se a rachadinha é crime ou não.

Coluna do Mazzini

PTB DEFINHA COMO O SEU DONO

A pose de cowboy do século 21 ficou em casa, quando a libertinagem verbal lhe dava ânimos para o estereótipo de valentão com armas. Roberto Jefferson, presidente licenciado do PTB, definha em seu físico, agora preso – e leva o partido junto para o seu inferno astral. Negociam a saída da legenda os deputados Luisa Canziani (PR), Wilson Santiago (PB) e Nivaldo Albuquerque (AL). Além de perder mandatários importantes, o PTB vive autofagia. A filha Cristiane Brasil, fiel escudeira, rompeu com o pai ao ser preterida por uma colega dirigente no comando do partido. A prisão de Jefferson por diferentes ameaças à ordem pública, a policiais e ao STF foi só mais um capítulo que minguou o discurso falastrão do ex-deputado que posou de santo ao denunciar o mensalão do PT – no qual foi abandonado por Lula. Agora, desdenhado por Jair Bolsonaro, ensaiou rompimento em carta. Não passou de grita de desesperado. Jefferson já enviou sinais de que gostaria de ter Eduardo Bolsonaro filiado ao PTB paulista.

Abandonado pelo presidente, sem poder de lhe tirar da cadeia, Jefferson ensaiou rompimento, vê partido minguar e sonha em filiar Eduardo Bolsonaro

Pai dificulta vida de secretário

Eduardo Paes tem um probleminha para resolver na reunião de secretariado. O prefeito talvez não saiba, mas o seu secretário de Ciência e Tecnologia, o vereador licenciado Willian Coelho, tem histórico familiar bem complicado. Seu pai, Edson Batista dos Santos Filho, atualmente cumpre pena por tráfico de armas em regime semi-aberto, suspeito de atender demanda do crime organizado da cidade maravilhosa. Não por acaso, o reduto eleitoral de Willian Coelho (eleito vereador três vezes seguidas) é Sepetiba, região de comunidades pobres na zona Oeste da capital, que sedia o segundo maior porto de importações e exportações do Estado.

Lenços & vitamina C

Os juízes federais e seus servidores no Paraná não querem ouvir um espirro nos gabinetes. O primeiro pregão de 2022 da seção judiciária federal é o de compra de vacinas antigripais para magistrados e funcionários que circulam na sede. A abertura das propostas será dia 1º de fevereiro. Até lá, todo mundo com lenço no bolso e vitamina C no copo.

PT sonha com Ciro, Chalita, Alckmin...

Ainda é muito cedo. Todavia, o cenário das pesquisas dá tanta tranquilidade a Lula da Silva na nova saga ao Planalto que esboçam-se nas articulações os principais nomes de futuro Governo. O diplomata Celso Amorim será, de novo, chanceler. Caso Geraldo Alckmin se confirme como vice na chapa, indicará nomes para a Educação (Gabriel Chalita, o cupido da aproximação), e para Ciência e Tecnologia – aérea na era PT preferida do PSB, ao qual Alckmin pode se filiar. Lula ainda sonha ter Ciro Gomes como ministro da Fazenda. Por isso não toca no tema e espera o adversário desistir da candidatura para propor a paz.

FOTOS: ALEX SILVA/ESTADÃO CONTEÚDO/AE; EVARISTO SA/AFP; MARCOS BRANDÃO/AGÊNCIA SENADO

por Leandro Mazzini

Colaborou: equipe de Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo

Celular de Sarney toca sem parar

O veterano José Sarney está sem mandato, não disputará mais nada, quer ver filhos e netos bem posicionados – e por isso a política não lhe sai da agenda. Com a missão de ajudar a filha Roseana a se eleger deputada federal, um neto ser eleito senador, e o filho Zequinha retomar posição de destaque em Brasília, o velho cacique está numa sinuca de bico: com arranjos locais que podem lhe forçar a apoiar Lula da Silva (PT) e Jair Bolsonaro (PL) no Maranhão e no Amapá – pelo qual foi eleito senador e onde não pisa há oito anos. Sarney tem espólio eleitoral e o telefone não para de tocar.

Furto deixa polícia às cegas no DF

A CEB, companhia energética de Brasília que teve parte da operação privatizada, sofre prejuízos com furto de cabos de cobre. Em 2021, foram levados 19 mil metros – rombo de R$ 471 mil. No famoso Deck Sul, acredite, os ladrões foram ousados: conseguiram arrancar 12 postes com lâmpadas.

Silêncio reforça racismo

Passado um mês do caso de racismo e injúria racial contra um aluno negro, em grupo de *whatsapp*, a direção do Colégio Cristão Ver, de BH, não dá um pio sobre penalidades ou expulsão de adolescentes que cometaram o crime. Em nota, vangloria-se de ser escola cristã, divaga em paradigmas cristãos e empurra a responsabilidade para a polícia.

Fuga de aliados no Rio

O governador do Rio de Janeiro, Cláudio Castro (PL), está em apuros. Dirigentes do PL, nova casa de Jair Bolsonaro, não esperavam que a filiação do presidente na legenda causasse desconforto entre aliados de Castro e piorasse seus índices de avaliação. O governador gasta lábia para tentar segurar apoio de importantes prefeitos.

NOS BASTIDORES

Pimentel, o caroneiro

Ex-governador apagado que cava lugar de prestígio nas montanhas, Fernando Pimentel (PT) avalia disputar vaga para deputado. Quer se eleger na esteira de uma bancada forte em Minas Gerais.

Com dedos na tomada

Sem alarde, os funcionários da Eletrobras fazem greve há dias. Mas, desta vez, não por causa da privatização iminente. Exigem que a estatal mantenha o plano de saúde, que pode sofrer alterações.

Reunião do Oi e Tchau

O governador Romeu Zema (MG) marcou reunião com prefeitos no centro administrativo, para discutir estragos causados pelas chuvas. Mas só abriu o encontro, levantou-se e saiu, deixando os alcaides sem respostas – foram ouvidos pelos secretários de Governo.

Bom humor no TRF

O TRF da 4ª Região (RS, PR e SC) comprou em licitação 21 totens para verificação de temperatura à distância, com dispensadoras automáticos de álcool gel, de empresa de nome curioso: Bom Humor Comércio.

Semana

por Fernando Lavieri

MONARQUIA

Sábia decisão da realeza holandesa

No momento em que o mundo discute o tema racismo, o rei Willem-Alexander, da Holanda, decidiu acertadamente não mais utilizar a tradicional carruagem de madeira revestida por ouro e típica da monarquia. A decisão tem a ver exclusivamente com a estética do veículo. Do lado esquerdo, na lateral do transporte, há uma pintura em que se vê homens negros ajoelhados à frente de homens brancos e uma mulher sentada em um trono, representando a Holanda. No outro flanco, aparece a imagem de um jovem branco entregando um livro a um menino negro. A obra chamada de *Homenagem das Colônias* já foi considerada a representação da civilização. Mas os desenhos estão sendo considerados agora uma clássica imagem do período da colonização, escravidão e racismo, e vem causando celeuma na sociedade holandesa. O suntuoso carro é chamado de *Gouden Koets* e estave em manutenção desde 2015, após o período de oficina, a peça voltou a ser exposta em Amsterdam, mas mesmo estando pronta para uso, houve a recusa do monarca. Apesar de haver pessoas que consideram a utilização da relíquia uma forma de preservar a história do país, o bom senso deve prevalecer após o veredito real. A carruagem deve ser aposentada exatamente pelo o que já foi um motivo de orgulho, a estampa racista.

POLÊMICA
A carruagem *Gouden Koets* já foi símbolo de civilidade: se tornou desprestígio

ANONIMATO
Francisco é flagrado ao sair de loja de disco: ele não queria ser percebido

VATICANO

O PAPA QUER PASSEAR

O papa Francisco está cansado. Cansado das restrições da pandemia, cansado dos compromissos eclesiásticos, cansado de debater questões climáticas e do coronavírus. Enfim, cansado das mazelas do mundo. Quando suas forças se exarem, para espairecer, o pontífice age como se não carregasse o peso de uma das maiores religiões do mundo em suas costas: dá uma saidinha do Vaticano para visitar amigos e comprar discos. Como queria passear despercebido, Sua Santidade, avesso ao exibicionismo, optou por sair à noite, sem escolta ou proteção policial. Foi a loja **Stereo Sond***, em Roma, que pertence a uma família de amigos de Francisco desde a época em que era arcebispo. O que ele não contava é que ao deixar o estabelecimento haveria um repórter passando pelo local.* **Martínez-Brocal***, que trabalha agência* **Rome Reports***, fotografou o papa e postou a imagem no* **Twitter***. Francisco tratou o episódio com bom humor, "Foi um caso de azar, depois de tomar todas as precauções, havia um repórter lá", escreveu o papa em carta a Brocal.*

FOTOS: REPRODUÇÃO MARTÍNEZ-BROCAL/TWITTER; REPRODUÇÃO

JUSTIÇA ITALIANA

UMA CONDENAÇÃO EXEMPLAR

A Corte de Cassação da Itália, a última instância jurídica do país, o equivalente ao Supremo Tribunal Federal, no Brasil, confirmou a condenação de Robson de Souza, o jogador de futebol, Robinhho e de seu amigo, Ricardo Falco. A sentença sairá em trinta dias e a punição é de nove anos de prisão. O crime de violência sexual de grupo ocorreu em 2013 em uma boate situada em Milão. Nessa época Robinho era um dos craques do time do Milan. Segundo a acusação, o atleta, Falco e mais quatro homens, que não foram acusados, apenas citados no inquérito, estupraram uma mulher que estava alcoolizada e inconsciente. Ela é de origem albanesa e vive na Itália, mas prefere manter sigilo sobre sua identidade. Uma das provas que compôs a denúncia foi à transcrição de conversas gravadas no momento da ação criminosa. "A mulher está completamente bêbada", disse Robinho. O jogador não pode ser extraditado para a Itália porque a Constituição brasileira proíbe, mas Robinho e seu amigo poderão ser presos no Brasil após julgamento da Justiça federal. É um triste final de carreira para um dos melhores futebolistas que o País já teve.

PÁRIA DO ESPORTE Em campo Robinho foi brilhante: fora dele, um desatre

ARTE

O LEILÃO DO SÉCULO FOI UM FIASCO

GENIAL Leilão da Villa da Aurora fracassou: nem Caravaggio animou o arremate

*Quanto vale uma vila romana inteira repleta de obras de arte renascentistas? E se nessa vila houver uma criação artística única e produzida por um dos maiores pintores de todos os tempos, **Caravaggio**? Pois é, a **Villa da Aurora**, localizada no centro de Roma, foi a leilão pelo valor de €471 milhões (quase R$ 3 bilhões de reais), mas não houve o mínimo interesse por parte dos participantes em arrematar a oferta. O luxuoso palácio que outrora foi residência de papas e pertenceu à nobre família **Boncompagni Ludovisi** perdeu o encanto. Nem mesmo a possibilidade de vislumbrar diariamente o singular mural feito por **Caravaggio**, no qual há uma representação dos deuses romanos, Júpiter, Netuno e Plutão, foi o suficiente para que algum ricaço fizesse a aquisição. Fica a dúvida: o valor pedido pela propriedade foi considerado alto demais ou possuir uma coleção de arte perdeu grandeza? Em abril haverá outro leilão com valores 20% menores.*

FOTOS: ALESSANDRO GAROFALO/REUTERS/FOTOARENA; REPRODUÇÃO

FUNDADOR
DOMINGO ALZUGARAY (1932-2017)
EDITORA
Catia Alzugaray
PRESIDENTE EXECUTIVO
Caco Alzugaray

DIRETOR EDITORIAL
Carlos José Marques

DIRETORES
DE REDAÇÃO: Germano Oliveira **DE EDIÇÃO:** Antonio Carlos Prado
REDATOR-CHEFE: Marcos Strecker

EDITORES: Felipe Machado e Vicente Vilardaga
REPORTAGEM: Denise Mirás, Eduardo de Freitas Filho, Eudes Lima, Fernando Lavieri, Taisa Szabatura e Valéria França
COLUNISTAS E COLABORADORES: Bolívar Lamounier, Cristiano Noronha, Elvira Cançada, José Manuel Diogo, José Vicente, Luiz Fernando Prudente do Amaral, Marco Antonio Villa, Mentor Neto, Rachel Sheherazade, Ricardo Amorim e Rosane Borges

ARTE
DIRETOR DE ARTE: Camilla Frisoni Sola
EDITOR DE ARTE: Arthur Fajardo
DESIGNERS: Alexandre Souza, Claudia Ranzini, Therezinha Prado e Wagner Rodrigues
INFOGRAFISTA: Nilson Cardoso

ISTOÉ ONLINE: Diretor: Hélio Gomes
Editor executivo: Edson Franco
Editor: André Cardozo
Reportagem: Alan Rodrigues, Alessandro Martins, André Ruoco, Heitor Pires, Jade Lourenção, Larissa Pereira, Letícia Sena, Mariana Stocco, Natália Ferreira, e Vinicius Moreira da Silva
Web Design: Alinne Souza Correa e Thaís Rodrigues Ferreira Fernandes

AGÊNCIA ISTOÉ: Editor: Adi Leite
Pesquisa: Mônica Andrade (Colaboradora)e Salvador Oliveira Santos
Arquivo: Eduardo A. Conceição Cruz

CTI: Silvio Paulino e Wesley Rocha

APOIO ADMINISTRATIVO
Gerente: Maria Amélia Scarcello **Secretária:** Terezinha Scarparo
Assistente: Cláudio Monteiro
Auxiliar: Eli Alves

MERCADO LEITOR E LOGÍSTICA
Diretor: Edgardo A. Zabala

Gerente Geral de Venda Avulsa e Logística: Yuko Lenie Tahan

Central de Atendimento ao Assinante: (11) 3618-4566
de 2ª a 6ª feira das 10h às 16h20. Sábado das 9h às 15h.
Outras capitais: 4002-7334
Outras localidades: 0800-8882111 (exceto ligações de celulares)
Assine: www.assine3.com.br
Exemplar avulso: www.shopping3.com.br

PUBLICIDADE
Diretor nacional: Maurício Arbex **Secretária da diretoria de publicidade:** Regina Oliveira **Assistente:** Valéria Esbano **Gerente executivo:** Andréa Pezzuto **Diretor de Arte:** Pedro Roberto de Oliveira **Coordenadora:** Rose Dias **Contato:** publicidade@editora3.com.br **ARACAJU – SE:** Pedro Amarante • Gabinete de Mídia • **Tel.:** (79) 3246-w4139 / 99978-8962 – **BELÉM – PA:** Glícia Diocesano • Dandara Representações • **Tel.:** (91) 3242-3367 / 98125-2751 – **BELO HORIZONTE – MG:** Célia Maria de Oliveira • 1a Página Publicidade Ltda. • **Tel./fax:** (31) 3291-6751 / 99983-1783 – **CAMPINAS – SP:** Wagner Medeiros • Wem Comunicação •
Tel.: (19) 98238-8808 – **FORTALEZA – CE:** Leonardo Holanda – Nordeste MKT Empresarial – **Tel.:** (85) 98832-2367 / 3038-2038 – **GOIÂNIA–GO:** Paula Centini de Faria – Centini Comunicação – Tel. (62) 3624-5570/ (62) 99221-5575 – **PORTO ALEGRE – RS:** Roberto Gianoni, Lucas Pontes • RR Gianoni Comércio & Representações Ltda • **Tel./fax:** (51) 3388-7712 / 99309-1626 – **INTERNACIONAL:** Gilmar de Souza Faria • GSF Representações de Veículos de Comunicações Ltda •
Tel.: 55 (11) 99163-3062

ISTOÉ (ISSN 0104 - 3943) é uma publicação semanal da Três Editorial Ltda. **Redação e Administração:** Rua William Speers, 1.088, São Paulo – SP, CEP: 05065-011. **Tel.:** (11) 3618-4200 – **Fax da Redação:** (11) 3618-4324. São Paulo – SP. Istoé não se responsabiliza por conceitos emitidos nos artigos assinados. **Comercialização:** Três Comércio de Publicações Ltda, Rua William Speers, 1212, São Paulo – SP. **Impressão: OCEANO INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.** Rodovia Anhanguera, Km 33, Rua Osasco, nº 644 – Parque Empresarial – 07750-000 – Cajamar – SP

TERRA ARRASADA

Ministérios desmontados, retrocesso em ações públicas, economia em frangalhos, apagão de informações e corrupção liberada. A política destrutiva do governo Bolsonaro vai impactar uma geração inteira

Marcos Strecker

FOTO: D-KEINE/ISTOCK PHOTO

Alguns países precisam ser reconstruídos após enfrentar tragédias incontornáveis ao longo de sua história, como catástrofes naturais ou guerras devastadoras. **O Brasil passou por outro tipo de emergência.** Eleito dentro da normalidade democrática, sem enfrentar batalhas externas e com uma economia razoavelmente estruturada, **Jair Bolsonaro conseguiu em apenas três anos provocar um cenário de destruição.** Desmontou estruturas de Estado e jogou um pá de cal em políticas públicas construídas ao longo de décadas. **Ele é a tragédia brasileira.**

MISÉRIA
Morador de rua em São Paulo, em setembro de 2021: desemprego recorde

RETROCESSO No Vale do Jequitinhonha: aumento da miséria e volta da fome

É difícil encontrar uma área que o mandatário não tenha transformado em terra arrasada. Na Saúde, aparelhou o ministério com militares e negacionistas profissionais que tentaram reverter uma tradição de imunização laboriosamente construída ao longo de décadas pelo SUS. O País ficou acéfalo diante da pandemia, salvo o esforço heróico de profissionais abnegados e agências que conseguiram resistir ao assalto. Na hora de comprar vacinas, além de impedir a compra de imunizantes, o presidente abriu a porteira para quadrilhas e oportunistas que tentaram enriquecer com verbas bilionárias, tudo fartamente documentado pela CPI da Covid.

Na Educação, apenas para citar um dos casos mais extravagantes, o governo criou obstáculos para o avanço da digitalização de escolas, impedindo a conexão por banda larga de unidades pelo País. O Enem, programa que permitiu a democratização do acesso e a racionalização no ensino superior público, praticamente foi inviabilizado. A equipe técnica da pasta foi substituída por amadores e fanáticos ideológicos, uma intervenção que não acontece sem consequências. O ensino requer anos de trabalho contínuo para apresentar resultados. Sua destruição é fácil e rápida, como os países em guerra civil testemunham. Quantos anos de atraso na área o governo Bolsonaro vai impor? Os investimentos na Ciência, igualmente, foram arruinados, provocando a fuga de talentos para o exterior. Esse dado é particularmente alarmante para o avanço do País. Como a educação, a pesquisa científica é o passaporte para o futuro, uma condição necessária para o aumento da produtividade, o desenvolvimento da indústria e o avanço tecnológico. Tamanho retrocesso vai comprometer pelo menos uma geração de brasileiros.

Para se eleger, Bolsonaro se apropriou do projeto econômico ultraliberal do economista Paulo Guedes, um outsider como ele que é igualmente refratário a consensos e a negociações políticas. Guedes prometeu uma revolução com a privatização e venda de ativos públicos, além de mudanças estruturais que reduziriam o Estado de forma inédita, deslanchando os investimentos privados. Esse projeto megalômano e autoritário chocou-se com as instituições e a realidade, desorganizou cadeias produtivas, afastou investidores e fez o País voltar a indicadores que já pareciam superados. O dólar disparou para R$ 5,60. A inflação atingiu 10,06% em 2021, reduzindo o poder de compra e desorganizando os orçamentos familiares. O cidadão sente na pele. O botijão de gás aumentou 50% em 12 meses, a gasolina aumentou 43,2% e a cesta básica avançou 30%. O desemprego atingiu o número recorde de 14,8 milhões de trabalhadores. Mesmo com um pequeno recuo, esse índice se manterá no patamar de 14 milhões de desempregados este ano, segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT). Após uma grande queda nas taxas de juros operada pelo Banco Central (insustentável, como se constatou), a Selic voltou aos dois dígitos, onde deve permanecer até pelo menos o próximo ano. Um dos maiores ganhos institucionais do País desde a redemocratização foi a introdução da Lei de Responsabilidade Fiscal. Ela foi fundamental, por exemplo, para o crescimento nos anos 2000 com controle inflacionário. Até essa evolução está ameaçada pelo governo Bolsonaro. O teto de gastos (que necessitava ajustes, ignorados pelo governo) virou letra morta, liberando as contas públicas para uma farra de gastos populistas e eleitoreiros, na contramão do interesse público. A invenção do orçamento secreto para comprar apoio político no Congresso, driblando a opinião pública, marcou a entrega do Orçamento público para os

A destruição em todos os setores virou uma política de Estado com Bolsonaro

FOTOS: RANPLETT/ISTOCK PHOTO; BRASIL2/ISTOCK PHOTO

interesses paroquiais e escusos, revivendo uma prática que ameaça a democracia e havia sido extirpada no mensalão.

A folia com as contas públicas e o populismo fiscal assombrarão a população por muitos anos. A PEC dos Precatórios, que implodiu na prática o teto de gastos, consagrou o calote oficial e aumentou a insegurança jurídica, um dos pilares do custo Brasil. Criará uma bola de neve na dívida pública que pode alcançar a estratosférica cifra de R$ 900 bilhões. Da mesma forma, as pedaladas do governo Bolsonaro nas contas do setor elétrico deixarão uma bomba inflacionária, com um passivo de R$ 140 bilhões a ser repassado aos consumidores em 2023, segundo o Instituto Clima e Sociedade (iCS). A próxima gestão terá de lidar com essa disparada nas contas de luz, problema convenientemente jogado para baixo do tapete pela gestão atual. E isso sobre aumentos que já foram enormes. Sem contar as bandeiras tarifárias acionadas pela crise hídrica, a conta de luz sob Bolsonaro já subiu 35% desde janeiro de 2019, quase duas vezes a inflação medida pelo IPCA. Dados da Aneel mostram que quase 40% dos consumidores já atrasaram a conta de luz por pelo menos um mês, maior índice desde 2012. E não é apenas aí que o consumidor, principalmente o de baixa renda, enfrenta dificuldades. No final de 2021, a proporção de brasileiros endividados bateu um recorde: 76,3%.

CORONELISMO

Ao invés da fartura prometida, os anos Bolsonaro são marcados pelo aumento da miséria e pela volta da fome, com cenas dantescas de pessoas disputando ossos em caminhões. A insensibilidade social é patente. O chefe do Executivo se elegeu criticando o Bolsa Família por ser um benefício viciado que perpetua a pobreza. No poder, não fez nada para aperfeiçoá-lo. Ao contrário, para tentar recuperar a popularidade perdida, turbinou o programa e o rebatizou. Mas fez isso de forma açodada, ignorando a contribuição de técnicos que ajudaram a conceber e aperfeiçoar o programa. Como não há plano para uma transição social dos pobres por meio de políticas públicas, foi eliminada a necessidade de frequência escolar e vacinação obrigatória das crianças. É a confissão da intenção eleitoreira com o Auxílio Brasil. Trata-se, na verdade, de um regresso ao cabresto e ao coronelismo. Bolsonaro nunca teve um programa para erradicar a miséria. Ao contrário. Deixou isso patente ao vetar a adoção de um regime de metas contra a pobreza, mecanismo proposto por um político do PP (partido do Centrão que virou pilar de sustentação do governo). O avanço foi descartado sumariamente pelo presidente.

Poucas áreas mostraram de forma tão cabal o desmanche quanto o meio ambiente. As queimadas calcinaram a imagem internacional de Bolsonaro, tornaram ele um pária e emperraram acordos comerciais. Também nesse caso não se trata de um desastre natural. O presidente patrocinou abertamente grileiros, madeireiros e garimpeiros ilegais. Órgãos de fiscalização como Ibama e ICMBio foram desmantelados. Agentes da Polícia

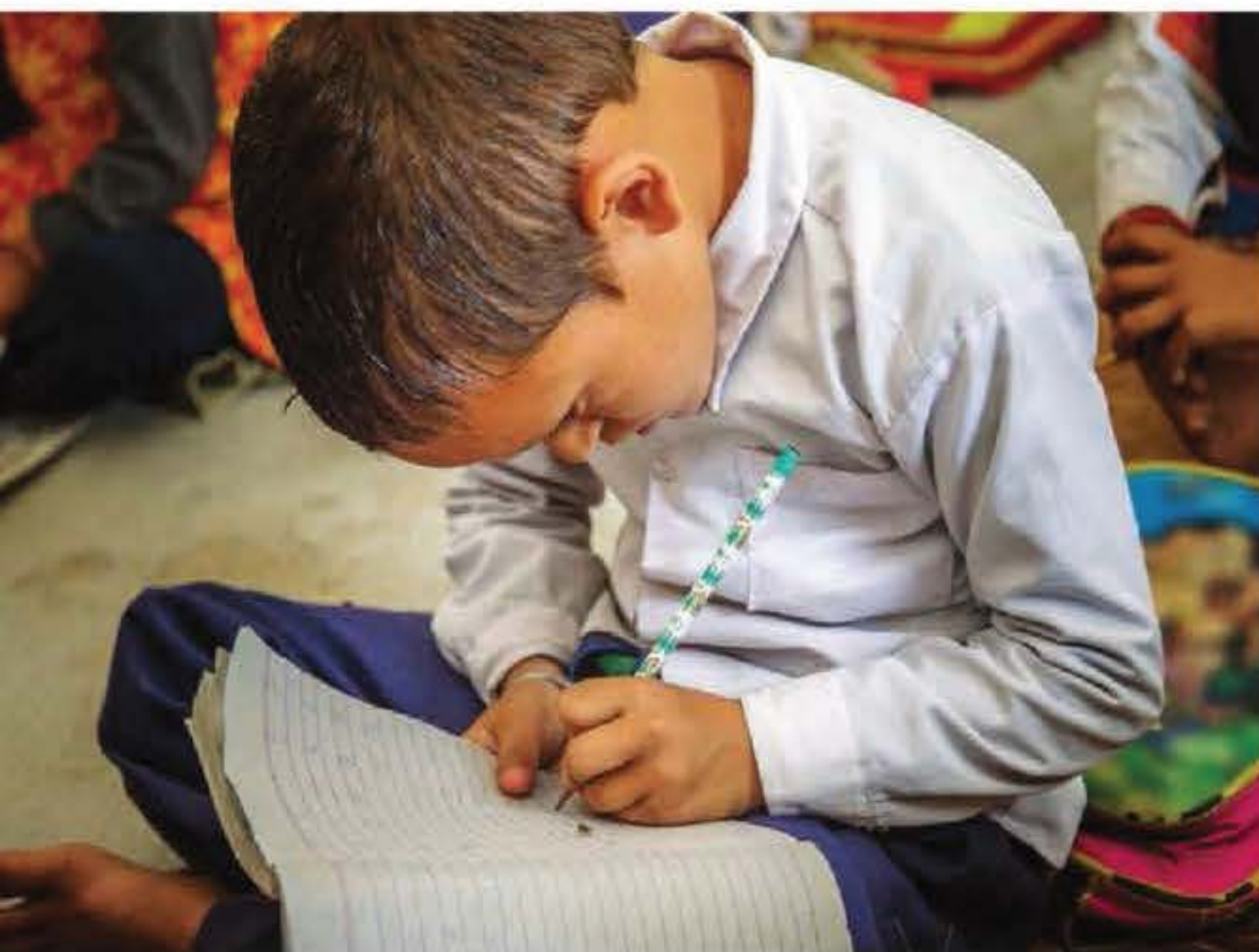
EM FOGO
Queimada na Amazônia: o desmatamento disparou com o desmonte na fiscalização

Federal que zelavam por operações contra o tráfico de madeira foram afastados e perseguidos. O resultado, segundo o Instituto Amazon, foi o maior desmatamento na Amazônia em 14 anos, com expansão de 29% apenas em 2021. E não é apenas o próximo governo que sentirá os efeitos de tamanha destruição. A devastação da Amazônia está mudando o regime de chuvas, o que causará prejuízos bilionários ao longo dos anos ao agronegócio.

Para espanto dos especialistas e da comunidade internacional, o presidente se orgulha desse feito. Num evento em Brasília, ele anunciou com orgulho que o governo reduziu em 80% as infrações ambientais. "Paramos de ter grandes problemas com a questão ambiental, em especial no tocante à multa", comemorou. Também elogiou o ex-ministro Ricardo Salles, investigado por suspeita de envolvimento com madeireiros ilegais. Na visão do presidente, dar sinal verde aos crimes ambientais é uma forma de estimular o progresso. É a mesma lógica torta que permitiu a expansão das milícias no Rio de Janeiro porque coibiriam os traficantes. O resultado é a que as milícias assumiram o comércio de drogas e viraram elas mesmas megafacções criminosas, incrustradas no Estado.

Na segurança pública Bolsonaro conseguiu um de seus maiores feitos. Relaxou as regras de controle de armamentos sofisticados pelo Exército, eliminando o rastreamento e permitindo que grupos fora do radar das autoridades criassem arsenais. É um desastre que ainda está em progresso. Os efeitos dessa aberração serão sentidos no futuro e a sua reversão, se for possível, ocorrerá apenas com um custo gigantesco para a sociedade. Desde que a violência urbana explodiu nos anos 1980, nunca a criminalidade tinha tido uma perspectiva tão favorável. Os próximos governos terão um desafio enorme para conter a expansão do crime organizado, que agradece a janela de oportunidade proporcionada pelo presidente armamentista. A volta da impunidade e da corrupção, da mesma forma, são marcos da administração. Bolsonaro aparelhou a Polícia Federal e tentou interferir em órgãos de controle como o Conselho de Controle de Atividades Financeiras para impedir as investigações contra sua família. Desestimulou medidas que endureceriam o crime do colarinho branco no Congresso e nomeou um

SAÚDE Colapso em Manaus durante a pandemia, em abril de 2020: sem insumos e técnicos afastados

FOTOS: BRUNO KELLY/REUTERS/FOTOARENA; MAJAMITROVIC/ISTOCK PHOTO; GREENAPERTURE/ISTOCK PHOTO

EDUCAÇÃO Criança em zona rural: escolas sem internet e pautas ideológicas

cionário legado por Sarney e Collor, mais grave do que o colapso provocado por Dilma Rousseff com a maior recessão da história. E o custo será cobrado na forma de menos crescimento e mais desigualdade. O País deixou de ser uma prioridade para os investidores há muito tempo e vai se afastar ainda mais de seu objetivo de apresentar indicadores próximos aos países desenvolvidos.

Nada disso foi acaso. "O Brasil não é um terreno aberto onde nós pretendemos construir coisas para o nosso povo. Nós temos é que desconstruir muita coisa. Desfazer muita coisa. Para depois nós começarmos a fazer. Que eu sirva para que, pelo menos, eu possa ser um ponto de inflexão, já estou muito feliz", discursou candidamente Bolsonaro a lideranças conservadoras, em Washington (EUA), em março de 2019. A justificativa, na época, é que ele precisava afastar a

Procurador-Geral da República comprometido com o fim da Lava Jato, o que foi executado com sucesso. Avanços como a Lei da Transparência e a Lei de Acesso à Informação viraram letra morta com o regresso a práticas nefastas de opacidade na administração pública. Um sinal aberrante dessa conduta foi a decretação de sigilo ao longo de um século do processo do general Pazuello por desrespeitar o regulamento militar, medida que acaba de ser confirmada. Os próprios números reais da pandemia são desconhecidos por causa de um apagão de dados públicos causado supostamente por um ataque hacker ao Ministério da Saúde. No começo da crise sanitária, Bolsonaro explicitamente tentou esconder e maquiar os dados públicos, como fazem os ditadores em repúblicas de bananas.

O governo tenta usar a pandemia como desculpa para tantos resultados decepcionantes. É uma falácia. O País está se saindo pior do que todos os seus pares, que enfrentam as mesmas dificuldades. A taxa de crescimento e o nível de inflação são piores do que a maioria dos outros países com o mesmo estágio de desenvolvimento. O real foi uma das moedas que mais perdeu valor no planeta. A emergência sanitária não tirou o País de seu curso. Ela expôs a incompetência de um governo que priorizou a insurreição e o ataque às instituições, apostando que um golpe de Estado poderia interromper o ciclo democrático e fazer o País voltar a um desenvolvimentismo passadista, como aconteceu na ditadura. O mundo se prepara estrategicamente para o cenário pós-Covid enquanto o governo, sem qualquer norte, mergulha em aberrações populistas e no uso escancarado do Orçamento apenas para garantir mais quatro anos de mandato para Bolsonaro.

A herança do governo Bolsonaro será adversa como poucas vezes na história do País. Pior do que o abismo hiperinfla-

INFLAÇÃO
A alta da gasolina vai se agravar em 2022: solução foi culpar governadores

ameaça "comunista" para depois implantar as bases de uma nova nação por meio de uma "revolução". A lógica obtusa e enviesada, que já prenunciava o desmonte do Estado, caiu como uma luva para interesses escusos e objetivos criminosos. O projeto devastador estava lá, às claras, desde o início. Três anos depois, o presidente provou que está cumprindo a promessa ao pé da letra. ■

S

ervidores públicos federais fizeram paralisações de advertência durante todo o dia 18, terça-feira. A bomba--relógio tem data marcada para explodir. Os funcionários públicos afirmam que vão se organizar em fevereiro para iniciar uma greve em março. Eles pedem um reajuste de 19,99%, apenas para recompor as perdas dos últimos três anos, período de Bolsonaro na Presidência, e até 28% para conseguir algum aumento real. Algumas categorias pedem reajustes ainda maiores. As manifestações aconteceram em Brasília, nas sedes do Banco Central e do Ministério da Economia. Os dois principais vilões da perda salarial, na opinião dos servidores, são o presidente da República e o ministro da Economia, Paulo Guedes. A singularidade do momento é que Bolsonaro quer conceder algum reajuste. O mandatário pensa com a cabeça do político em ano eleitoral. Por sua vez, Guedes está apavorado com as contas públicas e tem mais um abacaxi para descascar. Não é necessário ser um

FOTO: RUY BARON/BARONIMAGENS

ALVO
Paulo Guedes foi o centro das críticas nos atos dos funcionários públicos em Brasília

PRESSÃO TOTAL DOS SERVIDORES

Bolsonaro acenou com um reajuste **demagógico** para os policiais federais e agora tem que resolver o problema de todos os **servidores** que estão sem aumento em seu mandato e organizaram paralisações. Sem recursos suficientes o presidente criou mais uma **crise com o Ministério da Economia**

Eudes Lima

especialista para saber que dentro do Orçamento existe um limite. O vice-presidente Hamilton Mourão foi honesto e disse que Bolsonaro pode ser obrigado a recuar nas promessas aos policiais federais. "Você sabe muito bem que não há espaço no Orçamento", disse Mourão.

O presidente Jair Bolsonaro é, atualmente, o maior símbolo do corporativismo profissional. Ele privilegia seus colegas militares sem qualquer delonga. Por extensão, acabou incluindo os profissionais da Polícia Federal, da Polícia Rodoviária Federal e do Departamento Penitenciário na lista de apoiadores mais imediatos. Nada menos do que R$ 2 bilhões foram reservados no Orçamento. O anúncio do reajuste para policiais federais inflamou o restante dos servidores e o custo político agora é imprevisível. Nada que impressione o mandatário que depois das paralisações já avisou: "A gente pode fazer justiça com três categorias. Não vai fazer justiça com as demais". Se há dinheiro para os policiais, precisa haver para reajustar o salário de todos os servidores. Algo impossível do ponto de vista da responsabilidade fiscal. Levantamento feito pelo O GLOBO mostra que enquanto servidores federais tiveram um prejuízo de 5% nos seus vencimentos, os policiais federais e militares do Exército, aumentaram seus salários em 7% e 12%, respectivamente, nos últimos 10 anos.

Um delegado da Polícia Federal tem salário mensal de no mínimo R$ 23 mil. Agente e escrivão come-

çam com mais de R$ 12 mil. Há o temor de que o Supremo Tribunal Federal estenda os aumentos para os trabalhadores que ficarem fora dos reajustes, especialmente porque se trata de recomposição da inflação do período. O governo havia fechado as torneiras por conta do congelamento de dois anos, previsto durante a pandemia.

700 bilhões
Custo que o governo tem para o pagamento de salário de servidores

As articulações pela paralisação começaram dentro da elite do funcionalismo que são os auditores da Receita Federal e funcionários do Banco Central. Os auditores da Receita chegaram a entregar os cargos comissionados e fizeram uma operação-padrão que pode atrapalhar as aferições nas fronteiras e portos. A redução do ritmo de trabalho é usual em manifestações do serviço público e impactam no andamento natural das atividades.

O custo ao País é impeditivo. Não dá para fechar os olhos para os milhões de brasileiros passando fome e desempregados. O cenário, principalmente com a Covid, ainda é assustador. O economista Hugo Garbe afirma que "não faz sentido algum discutir aumento para servidor público". O governo já investe R$ 700 bilhões anuais. Caso se reajuste em 20% os salários, haverá um rombo de mais R$ 140 bilhões. O economista faz uma comparação importante. "Só o valor do aumento pedido pelos servidores é suficiente para pagar dois anos de Bolsa Família". Garbe pensa que o debate evidencia a discordância entre Guedes e Bolsonaro. O mandatário precisa dar uma resposta política para a sua popularidade em queda. "Os servidores, por sua vez, estão certos em pedirem reajustes, depois de terem salários defasados pela inflação crescente". Se houver o aumento, os servidores vão ficar felizes, mas a medida vai ser impopular para o restante da população. "Vai gerar revolta", projeta o economista.

As paralisações não alcançaram o público esperado. O presidente da Confederação dos Trabalhadores no Serviço Público Federal (Condsef), Sérgio Ronaldo da Silva, disse que as paralisações não tiveram uma participação mais maciça por conta do distanciamento necessário na pandemia e das férias de servidores federais no mês de janeiro. "Foi apenas o primeiro recado de descontentamento que nós passamos ao governo por ele atender 3% dos servidores e deixar 97% com os salários congelados". A Condsef protocolou um documento pedindo início de negociação com recomposição emergencial da inflação dos últimos três anos: 19,99%. "Vamos construir um calendário mais intenso de pressão para os meses de fevereiro e março", afirmou o sindicalista. O desdobramento mais provável caso o governo não negocie é que as para-

GREVE Manifestantes projetam paralisação por tempo indeterminado

"Apoio a reivindicação dos servidores públicos federais e que o reajuste não sirva como politicagem em ano eleitoral"

Sâmia Bomfim, deputada

FOTOS: CLAUDIO REIS/AGÊNCIA ENQUADRAR/FOLHAPRESS; MYKE SENA/FOTOARENA/FOLHAPRESS; PABLO VALADARES/CÂMARA DOS DEPUTADOS

lisações se transformem numa greve em março. Até o momento o silêncio do Palácio do Planalto é ensurdecedor. No movimento, o ministro Paulo Guedes foi o político mais hostilizado. Os manifestantes levaram vários bonecos e máscaras em alusão ao ministro.

O imbróglio, criado por Bolsonaro, consegue fazer com que deputados de lados opostos convirjam contrários ao governo. A deputada Sâmia Bomfim (PSOL) tem postura favorável ao reajuste dos servidores e é contra o teto de gastos do governo. Já o deputado Kim Kataguiri (DEM) pensa contrário. Sâmia ressalta que não é a primeira vez que Bolsonaro separa os policiais dos demais servidores. "Ele faz isso porque de fato entre as corporações, em especial da polícia militar, ele tem uma base de apoio relevante e isso se torna ainda mais importante num ano eleitoral", analisa a deputada. Ela também entende que o presidente "corre risco de perder a eleição já no primeiro turno" e a medida amarraria o setor fiel ao governo. Sâmia afirma que o episódio deve levar em conta a isonomia entre os servidores. "Apoio a reivindicação dos servidores federais e que esse reajuste seja estendido a todos os servidores e não sirva como politicagem em ano eleitoral". Kataguiri argumenta que a discussão simboliza o populismo e a incompetência do presidente. "Dar o aumento pra só uma corporação provocou todas as outras corporações. Bolsonaro criou esse caos, esse problema, pra si próprio". O deputado afirma que o governo é irresponsável fiscalmente e que o País não tem condições de dar aumento para o funcionalismo. "Ou o governo vai ter que voltar atrás ou vai ter que dar aumento pra todo mundo", afirmou Kataguiri. O deputado ainda lembrou que o dinheiro que vai pagar esse aumento vem de uma sociedade que vê o crescimento do trabalho informal. "No meio da pandemia é bastante complicado".

140 bilhões

Seriam necessários para conceder um reajuste de 20% para todo o funcionalismo

A falta de uma visão mais ampla do presidente é contestada. Se fechar dentro de um grupo tão pequeno e ignorar os desafios mais amplos de todo o País pode e vai gerar mais resistência. No aspecto do liberalismo econômico, Bolsonaro nada contra a corrente liberal que diz defender, mas também não apresenta nenhuma solução para qualquer outra corrente econômica. A demagogia barata não salvará o seu mandato. ■

70 bilhões

É o valor que o governo concede para o programa Bolsa Família por ano para todo o País

"Bolsonaro criou esse problema para si próprio. Ou o governo vai voltar atrás ou vai ter que dar aumento para todo mundo"

Kim Kataguiri, deputado

A GUERRA SUJA D

Espionagem, uso aberrante das mídias sociais, derrubada e invasão de sistemas por hackers e capacidade de mobilizar milhões de agentes virtuais num piscar de olhos farão parte dos serviços do gabinete do ódio para reeleger Bolsonaro

Vicente Vilardaga

ESTRATÉGIA Carlos Bolsonaro desenha o plano de marketing do pai nas redes e fora delas

Os preparativos para a campanha de reeleição de Jair Bolsonaro indicam que seu filho 02, o vereador Carlos (Republicanos-RJ), à frente do gabinete do ódio e chefe dos projetos digitais e de marketing do pai, vem cheio de más intenções para o pleito, querendo investigar e infernizar a vida de adversários e invadindo equipamentos e redes para impulsionar narrativas deturpadas. Pelo menos esse é o principal objetivo dos sistemas de espionagem da empresa emiradense DarkMatter, especialista em softwares maliciosos que oferece seus recursos para governos autoritários e serviços secretos de todo o mundo interessados em informações privadas e pessoais para vigiar e torturar psicologicamente seus desafetos. Segundo reportagem do UOL, Carlos mandou um emissário para Dubai, nos Emirados Árabes Unidos, para conhecer detalhes do sistema e negocia a aquisição do produto. Se conseguir comprá-lo – a bancada do PSOL tenta no Ministério Público impedir a transação –, ele terá mais uma ferramenta para usar na próxima corrida presidencial, na qual deverá valer todo tipo de truque sujo.

Do gabinete do ódio se espera qualquer artifício para desinformar e criar insegurança e incerteza na população, como o uso aberrante e mentiroso das mídias sociais, a derrubada de sistemas estruturantes do governo com hackers contratados mundo afora por preço de banana ou a capacidade de mobilizar milhões de agentes virtuais e robôs num piscar de olhos para atingir objetivos táticos, como mostrou a sorrateira vitória de Bolsonaro como homem do ano da revista Time em dezembro. Carlos conta com poder de fogo, apoio de extremistas americanos e vai fazer o que puder para perturbar o processo eleitoral, promovendo notícias falsas e denúncias contra os inimigos.

Agora com o DarkMatter, ele reforça suas intenções mais perversas e antidemocráticas, que se expuseram há um ano, quando se soube que ele tentava adquirir outro software espião, o israelense Pegasus. O trabalho de espionagem, fora da alçada da Polícia Federal e da Abin, faz parte do plano de ações do Gabinete do Ódio. No documento enviado ao Ministério Público, o PSOL pede que se investigue com urgência se o núcleo de comando digital do governo "pretende utilizar o programa DarkMatter para perseguir aqueles que criticam o atual presidente da República". Pede também que "as instituições democráti-

E CARLUXO

ESPIONAGEM A DarkMatter, de Faisal Al Bannai: soluções para regimes autoritários

cas atuem para frear o viés autoritário e antidemocrático do governo Bolsonaro".

Sem o efeito mistificador da facada em Juiz de Fora, Carlos terá que ser absurdamente mais eficiente e inescrupuloso nas mídias digitais para conseguir reeleger o pai. Ele não terá o apelo emocional de martírio e sofrimento que impulsionou a campanha passada, inclusive porque a população já se cansou dessa choradeira e durante a pandemia, Bolsonaro mostrou que é um desalmado e não merece piedade. Pelo Twitter, que na semana passada, inclusive, aumentou suas barreiras de fake-news com um botão de denúncia, a família percebeu que não terá chances de fazer o que quiser e prosperar tanto como em outros tempos. Bolsonaro já teve várias postagens negacionistas e mentirosas apagadas na rede. No WhatsApp, boicotado pela extrema-direita, o clã viu que haverá limites para mentiras e no alcance da distribuição das mensagens. Resta-lhe o indefectível Telegram, mensageiro russo com regras flexíveis, que aceita a propagação de todo tipo de absurdo, e as novas mídias extremistas, como o Gettr, criado por Jason Miller, ex-assessor de Donald Trump. Nos últimos dias, Carlos promoveu sua conta no Gettr, que garante liberdade de expressão para ataques à ciência e para manifestações antivacina. Seus irmãos Flávio, o 01, e Eduardo, o 03, também usam o serviço. Em relação ao Telegram, o ministro Luiz Roberto Barroso, presidente do TSE, estuda a possibilidade de bani-lo do Brasil durante as eleições para que não se torne território livre das milícias digitais bolsonaristas.

No centro do plano de Carlos está perturbar e desacreditar as eleições de todas as formas e os recursos tecnológicos que ele tenta adquirir estão orientados para esse objetivo. Haverá um esforço específico dedicado a bombardear as urnas eletrônicas, dessa vez com a participação direta de Eduardo, conectado diretamente com os marqueteiros americanos da extrema-direita, como Steve Bannon, que acompanha com atenção o sistema de votos no Brasil. A eleição de 2020 serviu de tubo de ensaio para a família testar algumas de suas ideias e o que se viu, por exemplo, foi uma série de ataques covardes aos sistemas do TSE vindos de outros países. Atacar as urnas e defender o voto impresso estão entre as prioridades do pacote de maldades da campanha, assim como espionar qualquer um que coloque empecilhos à reeleição de Bolsonaro. Um jogo bem sujo se insinua e é hora das instituições agirem, como o TSE, para tolher os movimentos do gabinete do ódio e impedir que o processo eleitoral seja desvirtuado pela vontade autoritária do presidente e de seus filhos de se perpetuarem no poder a qualquer custo. ■

REDES O clã Bolsonaro trata de fortalecer sua adesão à Gettr, rede criada por Jason Miller, ex-assessor de Trump

ELES COMEÇAM A MONTAR

PROFISSIONAL O governador João Doria está acostumado com entrevistas e promete agitar a eleição com novidades

A ESTRUTURA DE CAMPANHA

Os presidenciáveis correm para construir escritórios, contratar marqueteiros, pensar nas estratégias e fechar os acordos com políticos aliados. Quem conseguir emplacar um bom conteúdo de comunicação pode cair no gosto popular e conquistar os votos necessários

Eudes Lima

O pontapé inicial nas campanhas presidenciais não pode acontecer por conta da lei eleitoral. Entretanto, nada impede que nos bastidores os partidos se organizem. As estratégias divergem muito entre os postulantes ao Palácio do Planalto. Conhecido pela facilidade em lidar com grandes eventos e seguir à risca o planejamento profissional, necessário em uma campanha, Doria está abrindo um mega escritório. Localizado em bairro nobre de São Paulo, mais especificamente na Avenida Brasil, o comitê contará com mais de 3.000 metros quadrados de construção para abrigar até 200 funcionários, estúdios de rádio e televisão, além de um auditório. O publicitário Daniel Braga, que acompanha o governador em todas as eleições, disse que a estrutura servirá de suporte para todas as candi-

FOTOS: DIVULGAÇÃO; SÉRGIO DUTTI

daturas do PSDB e que ficará sob o comando do presidente do partido Bruno Araújo, que também coordenará a campanha presidencial. "Será uma miniagência. No estado teremos 320 prefeitos filiados ao PSDB. Parte da comunicação do partido será concentrada nesse local. Não é um espaço para o Doria, é para todos os candidatos do PSDB em São Paulo", afirmou Braga.

Os bolsonaristas sabem que o fenômeno que ocorreu em 2018 não se repetirá. Por isso, correm para pensar em novos métodos. Principalmente, porque a Justiça Eleitoral está de olho nas fake news que marcaram a vitória de Bolsonaro. O presidente conversou com o marqueteiro Paulo Moura, mas em pouco tempo o pífio currículo do profissional foi desmascarado e o capitão desistiu. A coordenação geral da campanha ficará a cargo do senador Flávio. Carlos continua com o gerenciamento das mídias sociais. Os líderes do Centrão, Ciro Nogueira (PP), Marcos Pereira (Republicanos) e Valdemar Costa Neto (PL) completam o núcleo político do mandatário. Costa Neto está incumbido de contratar um marqueteiro profissional.

O mais inexperiente é o ex-juiz, Sergio Moro, que convidou Luís Felipe Cunha para coordenar a sua campanha. O advogado é amigo de Moro e disse à ISTOÉ que não tem nenhuma experiência na empreitada. "Eu sou amigo do Moro há muitos anos e ele me chamou por essa relação de confiança", afirmou Cunha. Ele está disposto a encarar a distância de Curitiba, onde mora, para se concentrar no eixo São Paulo/Brasília. "Todos os lugares onde o Moro estiver eu vou estar com ele. Vou participar de tudo, inclusive das conversas políticas".

Focado em colocar o seu exército nas ruas, o Partido dos Trabalhadores vem recuperando a ideia de proliferação de células como estratégia política. A legenda espera inaugurar 5.000 comitês de campanha por todo o País. O PT teve seus melhores resultados eleitorais quando esteve com marqueteiros à frente da campanha, mas nessa eleição a presidente da sigla, Gleisi Hoffmann, será a coordenadora e, provavelmente, o jornalista Franklin Martins comande a comunicação.

Ciro Gomes contratou o marqueteiro João Santana e vai seguir a linha das campanhas tradicionais. O temperamento explosivo do ex-governador é seu maior adversário e a campanha procura mostrar um Ciro mais leve. O maior investimento é feito na aproximação com a juventude, mas Ciro gosta de uma boa briga e vai ser difícil segurar o ímpeto do candidato.

ESTRATÉGIAS DOS CANDIDATOS

BOLSONARO
Investe nos conluios com o Centrão, apoio militar e fake news nas redes sociais. Escolheu o filho 01, o senador Flávio, para coordenar a reeleição

CIRO
Na sexta-feira, 21, o pedetista lança sua pré-candidatura e já apresentou o slogan de campanha: "A rebeldia da esperança". Criação de João Santana

DORIA
Vai profissionalizar a campanha e terá a vacina contra a Covid como trunfo político. Entregou a coordenação ao presidente do PSDB, Bruno Araújo

LULA
Aposta na força da militância e tem a proposta de formar 5.000 comitês no País. A presidente do PT, Gleisi Hoffmann fará coordenação

MORO
Escalou um amigo, o advogado Luís Felipe Cunha, para estar à frente da campanha. Aposta todas as fichas no debate sobre corrupção

O professor de ciência política e comunicação, Duílio Fabbri, entende que o marketing de Doria e Lula tem uma vantagem em relação aos outros candidatos. "Eles representam partidos com muitas correntes internas que ampliam seu capital político", afirma Fabbri. A ampliação do fundo eleitoral para R$ 5,7 bilhões retoma o gasto desenfreado que tanto se combatia em eleições anteriores. A verba, no entanto, não chega a maioria dos candidatos. Bolsonaro concorda com a liberação porque é pressionado pelos aliados do Centrão. A distribuição é desigual e fica limitada aos caciques partidários. O Brasil é um dos países que mais gasta com o financiamento das eleições. O Tribunal Superior Eleitoral tem investigado e já apurou que parte dos recursos foi utilizado, de forma irregular, para a compra de aviões e reformas de imóveis de políticos. ■

CONFIANÇA
Moro escolheu o seu amigo, o advogado Luís Felipe Cunha (à esq), para coordenar a campanha

A privatização virou **problema**

O leilão do Aeroporto Santos Dumont seria uma vitrine para a reeleição de Jair Bolsonaro, mas o processo irritou aliados no Rio de Janeiro e começa a despertar reações pelo País

Valéria França

Pobre em realizações, o governo Bolsonaro apostava em ganhar uma vitrine eleitoral com a próxima rodada de privatizações de aeroportos. Santos Dumont (RJ) e Congonhas (SP) são as joias da coroa do processo, que deveriam ser concluídos no segundo trimestre, sob a batuta do ministro da Infraestrutura, Tarcísio de Freitas, escolhido por Bolsonaro para concorrer ao governo de São Paulo. Mas as discussões deixaram o ambiente técnico dos reguladores e dos fundos de investimento e virararam um problema político, que pode atrapalharr o projeto de reeleição do presidente.

O processo desandou após a Anac aprovar o edital da rodada de concessões. Os políticos fluminenses criticaram o plano de ampliação do aeroporto, pois ele poderia canibalizar o Aeroporto Internacional Tom Jobim, o Galeão, que opera em um nível bem baixo desde o início da pandemia. Criticar a privatização virou uma forma de defender os interesses do Rio de Janeiro. No início, o Governo achou que o ruído passaria. Mas as críticas foram tantas que Flávio Bolsonaro (PL) saiu em defesa do modelo proposto nas redes sociais, contrariando aliados. O

FOTOS: CHICO FERREIRA; HENRY ROMERO /REUTERS; REPRODUÇÃO ARQUIVO NACIONAL

INAUGURAÇÃO Imagem do aeroporto em 1936: tempos de glamour

MUDANÇA O prefeito Eduardo Paes é contra o modelo do governo federal

governador Cláudio Castro, também aliado de Bolsonaro, ameaçou entrar na Justiça. O governador considera o edital uma "ameaça ao desenvolvimento do estado". A mesma posição tem o prefeito Eduardo Paes (PSD). "O governo está preocupado em resolver seus problemas de caixa fazendo uma lambança estrutural para o Rio", disse à ISTOÉ.

A afirmação do prefeito tem uma amplitude que vai além do Santos Dumont. Na última semana, pareceres do Tesouro Nacional e da Procuradoria-Geral da Fazenda Nacional rejeitaram a adesão do Estado do Rio de Janeiro ao regime de Recuperação Fiscal por mais três anos. No último dia 19, Castro foi a Brasília falar com o ministro Paulo Guedes, mas voltou de lá sem acordo.

ESVAZIADO Aeroporto Santos Dumont sofre com a crise e com a pandemia

O modelo previsto para Santos Dumont prevê outorga mínima de R$ 324 milhões e investimentos de R$ 1,3 bilhão para ampliar a capacidade de operações. A empresa que operar Santos Dumont também terá de administrar os aeroportos de Jacarepaguá (RJ) e Montes Claros, Uberlândia e Uberaba, em Minas Gerais. Este é outro ponto de discórdia. De acordo com os técnicos da prefeitura, Santos Dumont é um atrativo para aumentar o fluxo dos aeroportos mineiros, mas ele não ganha nada com isso. "Acompanhamos todos os passos desse edital, mas o governo federal insiste em um modelo que não trará bons frutos para os aeroportos do Rio de Janeiro", diz Chicão Bulhões, secretário de Desenvolvimento Econômico da Prefeitura. "Atrair investimento é maravilhoso, mas para isso precisamos de uma concessão bem desenhada."

COMPETIÇÃO Galeão perde preferência dos viajantes: risco de quebra

O edital amplia os voos no Santos Dumont, permitindo inclusive a operação de aeronaves grandes com destino internacional, apesar de a pista ser curta e o prédio, pequeno. Há limitações geográficas. Ele não pode ter a mesma vocação, por exemplo, do Aeroporto Internacional de Guarulhos, em São Paulo. É fato que os passageiros, sempre que podem, dão preferência a embarcar e desembarcar no Santos Dumont, devido a sua localização central. O Galeão fica na Ilha do Governador, a 21 km da capital. "Além disso, tem muita gente que não gosta de descer no Galeão, por medo de passar pela Linha Vermelha. Se os voos internacionais também saírem do Santos Dumont, o Galeão vai quebrar", critica Bulhões.

A proposta do governo fluminense é ter em Santos Dumont voos de ponte-aérea até o raio de 500 quilômetros e incluir Brasília. "A fórmula desejada é cumprir com o papel que Santos Dumont sempre teve, voos curtos, com limitações. Não podemos esquecer que o Galeão é um aeroporto fundamental para toda a economia da cidade e do estado", diz Paes. A pressão surtiu efeito. No próprio dia 19 o Ministério da Infraestrutura instituiu um grupo de trabalho para rediscutir a concessão. Mas outros problemas surgiram. A Prefeitura se queixou que foi excluída do grupo. Outras concessionárias, como a do Aerporto de Guarulhos, pediram para serem incluídas no debate, pois consideram que uma eventual mudança pode favorecer os novos players no Rio, prejudicando os concorrentes. As bases do próprio modelo de concessões passaram a ser questionadas. Bolsonaro achou que a venda do Santos Dumont seria a cereja no bolo do seu programa "liberal" na economia. O eventual fracasso, ao contrário, pode atestar o seu fiasco. ■

TOLERÂNCIA ZERO

Diante do crescimento exponencial no número de contágios em todo o mundo, autoridades de saúde apertam o cerco sobre não vacinados, militantes antivacinas e celebridades que promovem o negacionismo. O custo disso é a perda de prestígio e credibilidade

Vicente Vilardaga

O caso da exclusão do tenista sérvio Novak Djokovic do Aberto da Austrália mostra que acabou a paciência de governos, autoridades de saúde e de qualquer cidadão responsável com os negacionistas em geral. Estão na mira as celebridades e os influenciadores antivacina que promovem um discurso criminoso e contraproducente no combate à pandemia. O atleta bem que tentou dar um jeito para permanecer no torneio, um dos mais valorizados do circuito, apelando à Justiça local e tentando comover a opinião pública com os dias em que ficou encarcerado em um hotel. Mas depois de ser flagrado em várias mentiras acabou expulso do país por uma ordem ministerial. Foi uma punição exemplar, que ameaça inclusive sua presença no próximo torneio de Roland Garros, na França, e aumentou o número de manchas na sua trajetória cheia de episódios recentes de menosprezo à doença, como a realização de campeonatos irregulares e festinhas de embalo em plena quarentena. Caras como Djokovic estão definitivamente em baixa, apesar de algum talento específico.

Num momento em que há uma explosão de casos de Covid em todo o mundo, incerteza generalizada e vários países retomam medidas restritivas ou adiam a volta à normalidade, além de aumentar as exigências do passaporte e impor a vacinação, há gente tentando burlar medidas de controle e enganar os órgãos de saúde com finalidades profissionais. Djokovic, número 1 do mundo, foi penalizado com o devido rigor, atingido no seu trabalho e no seu prazer de jogar tênis e ganhar torneios. E sua experiência está longe de ser única ou exclusiva. Outros personagens do mundo do poder estão sendo afetados no bolso, na autoestima e perdendo posições de prestígio, além da credibilidade, por causa de seu negacionismo ou desvio de conduta. O ex-presidente da seguradora Credit Suisse Antonio Horta-Osorio sofreu na pele o peso da irresponsabilidade pandêmica. Ele foi demitido porque violou as regras de quaren-

IMPASSE
Contrários ao passaporte, trabalhadores protestam na França

FOTOS: CHRISTOPHER PIKE/REUTERS/FOTOARENA; ALAIN PITTON/NURPHOTO/NURPHOTO VIA AFP; LEONHARD FOEGER/ REUTERS/FOTOARENA

DECEPÇÃO O tenista Novak Djokovic é expulso da Austrália depois de ser flagrado em mentiras

tena duas vezes no ano passado. Sem moral, deixou o posto. Na parte baixa da pirâmide, funcionários públicos franceses que não se vacinaram estão sendo suspensos e tiveram descontos de salários. Na Itália, trabalhadores maiores de 50 anos estão sofrendo as mesmas penalidades. A Áustria se tornou o primeiro país europeu a tornar a vacina obrigatória. A partir de fevereiro, os maiores de 14 anos que não se vacinarem estarão sujeitos a multas de até 3 600 euros (R$ 23 mil). São todos duros golpes nos negacionistas.

A transmissibilidade da variante Ômicron levou a um recorde histórico de registros de Covid-19 nesta semana, atingindo a marca de 3,79 milhões de casos em um só dia em todo o mundo. O Brasil, com 200 mil infectados,

REPRESSÃO Negocionistas austríacos são contidos em protesto antivacina

também alcançou o maior número de contágios, com enorme pressão sobre seus serviços de saúde e retorno às funções remotas. A barreira criada pela vacinação em massa, porém, tem reduzido as infecções mais graves e mostrado o caminho certo, pavimentando um futuro com foco nas campanhas anuais de imunização. Na Áustria, país com 9 milhões de habitantes, a preocupação é evitar os restrições de circulação no próximo inverno. A vacina entrou na equação econômica da nova economia como uma enorme derrubadora do risco sistêmico. "Ainda temos a obrigação e a necessidade de aumentar a cobertura vacinal para que não passemos de um lockdown para outro também no ano que vem", disse a ministra austríaca de Assuntos Constitucionais, Karoline Edtstadler. "Há bem mais de um milhão de austríacos que não estão vacinados. Queremos convencê-los a se vacinarem e queremos que demonstrem solidariedade com todos para que possamos retomar nossa liberdade." A chegada do inverno na Europa também aumenta a incidência de infecções respiratórias de um modo geral, o que afeta principalmente a população idosa e pessoas com comorbidades, mais suscetíveis aos efeitos severos da Covid.

O movimento antivacina se tornou raivoso em vários países, chegando ao ponto de promover manifestações violentas. A repressão policial tem sido necessária em países como a Holanda e a própria Áustria, onde os radicais alegam que a opção de se vacinar é um direito individual e rejeitam qualquer tentativa de aplicar novos lockdowns. É a mesma conversa de Djokovic, que foi pego pelos sistemas australianos de controle sanitário e tratado como qualquer outra pessoa que precisa seguir regras adequadas de comportamento. Nas fronteiras e aeroportos, a fiscalização tem sido rigorosa na cobrança de atestados de vacinação e testes, criando entraves para as viagens internacionais dos negacionistas. Para tentar livrar sua cara e mostrar que não é só um cético empedernido, o tenista sérvio deixou vazar a informação de que é cofundador e sócio majoritário de uma empresa dinamarquesa chamada QuantBioRes, que tenta desenvolver um remédio contra a Covid. Para os radicais anticiência, remédios são a solução e não as vacinas, que envolvem um sentido colaborativo e a necessidade de proteção mútua no atual ciclo pandêmico.

Entre as grandes decepções causadas por celebridades na pandemia, tão notável como a de Djokovic, só a do guitarrista inglês Eric Clapton, tratado até pouco tempo como um semideus e convertido no ano passado em irresponsável global. Seu comportamento durante a crise humanitária tem sido inadequado e ele inclusive declarou que se recusará a fazer shows em locais que exijam o passaporte da vacina. Chamado de maluco por seus pares no rock, como Brian May, membro do Queen, ele tem compartilhado diversas opiniões antivacina nos últimos dois anos e, inclusive, composto músicas anti-lockdown com seu colega Van Morrison. O monstro da guitarra também se move pela ignorância, denunciando, sem comprovação científica, efeitos colaterais de longo prazo associados aos imunizantes. O que está se cobrando neste momento é um compromisso público de astros que influenciam milhões de pessoas com seus exemplos para, pelo menos, não falarem bobagens. Diante das evidências acachapantes da eficácia das vacinas, não é mais o caso de uma minoria negacionista ditar o ritmo da infecção e nem de ídolos de barro propagarem mentiras. ■

MALUQUICE O gênio da guitarra Eric Clapton engrossa o coro antivacina

ÔMICRON TUMULTUA ROTINAS

Diversas empresas e trabalhadores estão tentando voltar às suas atividades profissionais de forma presencial. Ocorre, porém, que o surgimento e o avanço da variante Ômicron, muito mais contagiosa que a Delta, está deixando muita gente doente. Os pedidos de afastamento estão se multiplicando e impedindo a volta das velhas rotinas. O fato causa confusão nas as organizações, que estão adiando seus planos. Na capital paulista a crise chegou a um momento crítico. Médicos que trabalham na rede municipal entraram em greve para protestar contra a falta de profissionais, afastados devido a infecções respiratórias. São mais de três mil funcionários da saúde que não podem exercer suas funções. No Rio de Janeiro, uma das atividades laborais mais importantes, a de limpeza da cidade, está comprometida. Pelo menos mil garis contraíram o vírus e estão sendo obrigados a ficarem em casa. (Fernando Lavieri)

FOTO: FRED THORNHILL/REUTERS/FOTOARENA

Vigilante do espaço

Foi para se distrair dos estudos para o vestibular que a brasileira Verena Paccola descobriu 25 asteroides em parceria com a NASA

Taísa Szabatura

CURIOSIDADE Verena Paccola, de 22 anos, identificou um objeto raro, que pode eventualmente colidir com a Terra

A pressão para entrar em um curso de Medicina em uma universidade pública é enorme. Além da forte concorrência, é preciso manter um tempo livre para aliviar a mente e não se sobrecarregar. No lugar de assistir a séries de televisão, a agora estudante da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP), da USP, Verena Paccola decidiu se inscrever em um programa da NASA, em parceria com o Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovações para caçar asteroides através de um software instalado em seu computador. "Eu participei da primeira edição do Caça Asteróide, descobri que as inscrições estavam abertas e achei que seria uma boa distração durante os estudos e o isolamento da pandemia", conta.

Dessa vez os objetos não foram descobertos observando o céu diretamente, mas sim por meio de um programa que transmitia imagens capturadas por um satélite localizado no Havaí, nos Estados Unidos, e enviados através do "International Astronomical Search Collaboration" (IASC/NASA). Os participantes então recebiam um treinamento sobre como analisar o movimento dos objetos celestes na tela do computador. Quando Verena notava a presença de algum astro em movimento e fazia uma análise numérica para ver se havia ali um padrão de asteroide. Os relatórios eram então checados pela Universidade de Harvard para a confirmação da descoberta. "Era igual o começo do filme 'Não Olhe pra Cima', quando a personagem localiza um grande asteróide", brinca.

O programa contou com centenas de participantes de todas as idades, incluindo a alagoana Nicole Oliveira, de apenas oito anos, que descobriu 23 objetos. Na premiação que aconteceu em Brasília, os participantes receberam medalhas por seus achados e foi somente ali que a estudante ficou sabendo que receberia também um troféu. "Foi uma surpresa, fui chamada ao palco e fiquei sabendo que um dos asteroides que achei era raro". Categorizado como "asteroide fraco", faz parte de um grupo de objetos que podem colidir com a Terra. Porém, nada de pânico, a Nasa ainda estuda sua órbita para pesquisar sua dimensão, sua trajetória e também se há a possibilidade de colisão com o planeta. Convidada para ir até a sede da Nasa, no Texas, Verena diz que só irá se for durante as férias. Seu sonho é ser médica – e quem sabe um dia atuar no ramo da medicina espacial. ■

FOTO: CELIO MESSIAS

PODEROSAS BO

RECOMEÇO O casal Day e Alain Carlson ensina a fazer bonecas de pano pela internet

TERAPIA Deila se salvou da depressão usando o artesanato

Medindo apenas 40 centímetros, confeccionada a partir de retalhos velhos de uma saia, com olhos de fios de seda e recheada de fibra de macela, foi exatamente assim que em 1920 nasceu a boneca de pano mais amada e conhecida do Brasil: a "Excelentíssima Senhora Dona Emília", como seu pai, Monteiro Lobato, a chamava. A fiel companheira de Narizinho no Sítio do Pica-Pau Amarelo acabou se tornando a melhor amiga de milhares de crianças brasileiras. Sinônimo de simplicidade, as bonecas de pano eram, antigamente, uma alternativa para as famílias que não tinham condições de comprar brinquedos industriais - como as famosas Barbie. Costuradas com máquina, não demorava mais do que algumas horas para ser feita, às vezes pela própria mãe. Agora, elas voltaram a ser cobiçadas pelas crianças e viraram um produto artesanal de grande demanda, por permitirem facilmente a customização, atendendo minorias e grupos étnicos variados.

Durante a pandemia, o mercado, que se desenvolve principalmente pela internet, não sofreu o mesmo abalo do comércio em geral, ao contrário, cresceu, e muito. O cenário para esses bonecos também mudou. Ter um parceiro de tecido ultimamente, além de uma retomada da tradição e do sentido de afeto pelo brinquedo, também pode ser sinônimo de exclusividade e luxo. Feito sob medida para o cliente, dependendo da loja e dos acessórios, o boneco pode valer até R$ 300 reais, mas de um modo geral eles ficam bem abaixo disso e são acessíveis. A crise econômica colocou em ação artesãos que estavam adormecidos. Muitos profissionais viram nas bonecas uma forma de aumentar a renda dentro de casa. Outro efeito percebido foi que tanto produzi-las, como possuí-las, pode trazer benefícios emocionais. Elas são um produto emblemático em tratamentos ocupacionais e seu manuseio traz conforto real para muitas crianças.

A mineira Deila Casadio, de 39 anos, é um exemplo desses artesãos emergentes que descobrem as propriedades terapêuticas das bonecas de pano. Ela havia acabado de dar à luz sua terceira filha quando entrou em uma depressão severa. "Não tinha dinheiro para comprar leite", diz emocionada. Precisou mudar de cidade e depender financeiramente da

NECAS

Os benefícios dos brinquedos de pano vão além da afetividade e do saudosismo dos mais velhos, eles desenvolvem a ludicidade da criança, ajudam na representação e inclusão, além de salvar adultos da depressão e movimentar um grande mercado

Eduardo F. Filho

LUXO Feito com exclusividade e sob medida: dependendo dos acessórios, o boneco pode valer até R$ 300 reais

FOTOS: MARCO ANKOSQUI; IARA CUNHA

ajuda de parentes. Uma freira começou a ajudá-la a confeccionar panos de prato como forma de aumentar a renda da família. Com muito estudo e noites em claro assistindo vídeos na internet, Deila passou a fazer lindas bonecas que hoje são vendidas em todo o Brasil, principalmente em Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro. "Comecei porque precisava ser curada e esses desafios me impulsionavam", diz. Deila evoluiu tanto no negócio que hoje oferece cursos pagos que contam com mais de três mil inscritos, entre eles, alunos da Europa, África e Oceania interessados em artesanato.

INCLUSÃO Guilherme e Guizinho: tanto o garoto quanto o boneco de pano tem Síndrome de Down: identificação

Bonequeira há mais de uma década, Day Carlson, 40 anos, e o marido, Alain Carlson, 43, criaram um espaço especializado na criação de bonecas de pano para ajudar mulheres com depressão, senhoras da terceira idade que se sentiam sozinhas na pandemia, e para artesãos de um modo geral. O ateliê Coração de Pano, no interior de São Paulo, funciona como ambiente para as aulas que Day administra, mas também como local de colaboração entre profissionais do artesanato. "Cuidamos de muitas mulheres que queriam aprender a fazer bonecas de pano para tratar de uma depressão nessa pandemia", diz. Além de proporcionar outra via para crianças acostumadas aos games, celulares e internet, os bonecos de pano são uma forma sustentável de trocar os brinquedos de plásticos por um tecido mais quente, aconchegante, que não machuca as crianças e ainda as ajudam a aprender fazer reciclagem. Os brinquedos de tecido também se encaixam na diversidade e inclusão. Enquanto os tradicionais lutam para conseguir fazer uma linha com bonecos negros e asiáticos em meses, bastam dois dias para artesãos criarem uma linha de três bonecas negras ou com deficiência - síndrome de down, cego, vitiligo, em muletas ou cadeiras de rodas. A empresa Preta Pretinha, atua com esse público há mais de 10 anos. "Quando era criança, não me sentia representada por nenhuma boneca na loja. Todas loiras, brancas de olhos claros. Sempre foi um sonho não só oferecer a representação para essas crianças, mas para todo ser humano", afirma Antônia Joyce Venâncio, idealizadora da empresa.

"Quando eu era criança, não me sentia representada pelas bonecas das lojas de brinquedos. Todas loiras, brancas e de olhos claros"
Antônia Joyce Venancio, idealizadora da loja Preta Pretinha

Guizinho, o boneco de pano de Guilherme Kavaleski, 10 anos, chegou na vida do garoto depois que ele precisou fazer uma cirurgia nas duas pernas. O brinquedo foi confeccionado com as duas pernas engessadas, assim como as de Guilherme. Mas esse não foi o único detalhe que fez o menino não desgrudar do companheiro. Tanto Guilherme, quanto Guizinho, têm Síndrome de Down. "Virou o melhor amigo dele. Ele o leva para todos os lugares, cria histórias com ele, e começou a tratá-lo como um ser humano, como um filho", afirma Paula Kavaleski, mãe de Guilherme. O brinquedo, no caso do garoto, o ajudou na socialização, comunicação e na imaginação criativa. A beleza não está apenas no luxo e na confecção, mas na imaginação de todos aqueles que brincam com esses pequenos, mas poderosos artesanatos de pano. ■

FOTOS: WANEZZA SOARES

Sinal verde para o trânsito

XANGAI Acidentes no trânsito são detectados em tempo real: policiais chegam ao local em cinco minutos

Cidades chinesas já contam com sistemas inteligentes que conectam semáforos, ambulâncias, ônibus e até vagas de estacionamento

Denise Mirás

Há no mundo cerca de mil projetos-piloto das chamadas "smart cities", cidades inteligentes onde sistemas conectados por redes 5G interagem com a população e entre si por meio de inteligência artificial, internet das coisas, wi-fi e aplicativos na nuvem. Mais da metade dessas metrópoles estão na China. Nesses grandes centros urbanos, que atraem 1,5 milhão de novos moradores a cada semana, a população sente os benefícios e as melhorias na qualidade de vida. O conceito inclui a sustentabilidade das ações, única forma de dar conta dos 10 bilhões de pessoas que circularão pelo planeta em 2050 - 68% delas viverão em áreas urbanas, de acordo com dados da Organização das Nações Unidas (ONU).

Em nome da eficiência e da rapidez - para ficar apenas nos exemplos da mobilidade urbana -, o presente e o futuro já compartilham as ruas desses lugares. A infraestrutura montada e integrada a partir da inteligência artificial ajuda a desatar nós do trânsito, com carros integrados ao transporte de massa, alguns deles sem motoristas, catracas ou bilhetes, onde o usuário é cobrado por reconhecimento facial.

A China é pioneira na adoção dessas soluções tecnológicas. Hangzhou, com 10,5 milhões de habitantes, conta com o *City Brain* ("Cérebro da Cidade"), sistema da gigante tecnológica Ali Baba que gerencia 128 cruzamentos, onde semáforos conectados recebem dados dos veículos por meio de sensores e ajustam o tempo das luzes para dar a cadência ideal do trânsito. Há ainda a reversão rápida de sinais vermelhos em verdes para a passagem de ambulâncias em situação de emergência - o tempo desses trajetos caiu pela metade. Acidentes são detectados em tempo real e policiais chegam ao local em períodos que não levam nem cinco minutos. Com o monitoramento de todos os carros da cidade, os engarrafamentos foram reduzidos em 15%.

HANGZHOU
Sala de controle: problemas complexos resolvidos em minutos

Xangai, com 24 milhões de habitantes, usa o *City Brain* para otimizar as rotas de ônibus. E o usuário pode informar ao AliPay seus locais de partida e chegada, para receber informações sobre pontos mais próximos e ônibus necessários para o caminho ideal do momento (as passagens são compradas digitalmente). Na hora de estacionar, também é possível apelar ao aplicativo por celular da Huawei. Com chips instalados em 300 estacionamentos, o motorista encontra a vaga livre mais próxima, faz a reserva e paga por ela. Com isso ele ganha tempo, economiza combustível e ajuda a diminuir congestionamentos - pelo menos enquanto os carros voadores não chegam. O que, por sua vez, pode não estar tão distante assim: empresas como EmbraerX, Boeing e Bell, entre outras, já têm protótipos em desenvolvimento que em breve ocuparão os céus das cidades. ■

FOTOS: CARLOS BARRIA/REUTERS/FOTOARENA; TU MEIFEI/IMAGINECHINA VIA AFP

SANTUÁRIOS
Habitat estratégico: cavernas protegem animais sob risco de extinção

Em mais uma medida prejudicial ao meio ambiente, o presidente Jair Bolsonaro definiu por decreto — sem consultar especialistas nem a sociedade civil — a legislação que regula a exploração de cavernas e grutas no País. São locais estratégicos para a proteção de espécies ameaçadas de extinção e o abastecimento de água, além de diversas atividades ligadas ao turismo sustentável.

A medida publicada no Diário Oficial da União flexibiliza a maneira como as cavernas são classificadas e muda a forma como elas poderão ser exploradas a partir de agora. Hoje são divididas em quatro categorias por sua relevância e impacto ambiental: baixa, média, alta e máxima. Como propriedades da União, são protegidas pela Constituição e não podem ter seu destino decidido em uma canetada. Bolsonaro mira as cavernas classificadas como "máximas", aquelas que não permitem nenhuma forma de exploração.

"O governo Bolsonaro cometeu mais uma barbaridade ao liberar construções em áreas de cavernas", afirma o senador Fabiano Contarato (PT/ES). "Entramos com ação popular na Justiça Federal para impedir os graves retrocessos na proteção às cavidades naturais subterrâneas, um patrimônio cultural e ambiental dos brasileiros." O presidente, sem pensar em longo prazo, defende que esses locais sejam destruídos caso impeçam algum empreendimento econômico, como a construção civil ou a mineração. "Se tem buraco de tatu, tem que manter distância de dez, vinte metros, então não pode fazer nada no Brasil todo. Nós amenizamos essa questão para o País

"Entramos na Justiça para impedir os graves retrocessos na proteção às cavidades naturais subterrâneas"
Fabiano Contarato, senador pelo Espírito Santo (PT)

FOTOS: MARCOS OLIVEIRA/AGÊNCIA SENADO; DIVULGAÇÃO/SCO/STF; LUAN ALVES CHAVES

CAVERNAS ameaçadas

Decreto do presidente Jair Bolsonaro sobre **exploração** de cavernas beneficia a mineração e a construção civil. O **impacto ambiental** da medida, no entanto, ameaça espécies e sítios arqueológicos, podendo até facilitar o **surgimento de novas pandemias** no País

Taísa Szabatura

DECISÃO Questão judicializada: Rede entrou com ação no STF, a ser julgada pelo ministro Ricardo Lewandowski

poder crescer", justificou o presidente.

A questão não é tão simples. Em relação à mineração, o que pode ser explorado nas cavernas não são elementos que estão em falta no País. "A existência desses territórios, principalmente os de categoria 'máxima', não impede a exploração do minério de ferro. Não está faltando cimento e calcário para que um decreto como esse faça sentido", afirma Enrico Bernard, presidente da Sociedade Brasileira para o Estudo de Quirópteros (SBEQ), especialista em morcegos. Bernard afirma ainda que a existência desses animais em cavernas mal administradas pode levar ao surgimento de doenças e até de pandemias, uma vez que muitas delas surgem da destruição de habitats naturais de algumas espécies. "Os morcegos são essenciais para o agronegócio brasileiro, pois eliminam as pragas agrícolas que causam prejuízo às plantações." Ele diz que as consequências ambientais podem ser desastrosas, além de promoverem novo impacto negativo na imagem internacional do Brasil, já bastante maculada nessa questão.

Para o geólogo e professor da disciplina Túneis e Obras Subterrâneas, da Universidade Presbiteriana Mackenzie, Hugo Cássio Rocha, faltou diálogo. "No lugar de pensar em conjunto a melhor alternativa para cada caso, decidiu-se por uma radicalização", afirma. O professor defende que é preciso proteger as grutas e os bolsões de água dessas regiões. "Há espécies de peixes que só existem nesses locais. Fora a beleza do ecossistema, que gera um turismo ecológico fortemente controlado", diz.

NA JUSTIÇA

Em nota, a Sociedade Brasileira de Espeleologia (SBE) manifestou-se contrária ao novo decreto e destacou que não foi ouvida sobre as alterações. A instituição que analisa as cavidades naturais informou que o decreto "foi produzido a portas fechadas, sem diálogo com a comunidade espeleológica e mostra, claramente, a interferência direta dos ministérios de Minas e Energia e de Infraestrutura em uma matéria que é de interesse ambiental". A questão foi parar nos tribunais. Além das medidas tomadas pelo senador Fabiano Contarato, a subprocuradora-geral da República, Julieta Albuquerque, enviou pedido de suspensão do decreto ao procurador-geral da República, Augusto Aras, e também à Procuradoria da República do Distrito Federal. A Rede Sustentabilidade entrou ainda com uma ação no STF, que será julgada pelo ministro Ricardo Lewandowski. O Brasil torce para que mais essa boiada, desta vez subterrânea, não passe. ■

A PEÇA QUE FALTAVA

Estudo norte-americano descobre que o gatilho que provoca a esclerose múltipla é o mesmo vírus responsável pela mononucleose ou doença do beijo

Fernando Lavieri

A descoberta de que microorganismos podem ser responsáveis por desencadear doenças diferentes daquelas com as quais eles estão inicialmente associados é frequente na pesquisa médica. Um novo estudo realizado por cientistas da Universidade de Harvard, dos EUA, e recentemente publicado pela revista científica Science, trouxe mais uma peça importante para montar o quebra-cabeça de uma doença degenerativa que atinge três milhões de pessoas no mundo: a esclerose múltipla.

Descobriu-se que a enfermidade pode também ser provocada por uma infecção viral. Os pesquisadores basearam-se na análise dos exames de sangue de dez milhões de militares norte-americanos e constataram evidencias de que a contaminação por Epstein-Barr é o gatilho responsável pela ocorrência da moléstia. Esse patógeno contamina 95% da população adulta, mas poucas pessoas desenvolvem a mononucleoase, infecção característica do vírus, também conhecida como a doença do beijo.

"Foi possível entender um comportamento diferenciado das células de defesa"
Frederico Jorge, neurologista

Pode soar estranho o fato de um mero micróbio gerador de uma debilidade leve, que tem sintomas e tratamento semelhantes aos de uma gripe forte, ter papel determinante no desencadeamento de um problema tão sério como é a esclerose múltipla, um distúrbio crônico, degenerativo e frequentemente irreversível. O neurologista do Hospital das Clínicas Frederico Jorge explica que o robusto estudo permitiu compreender um comportamento diferenciado das células de defesa. "O sistema imune confunde os vírus com neurônios", disse. Além disso, o médico diz que como se trata de um gatilho, geralmente a pessoa já tem uma predisposição. "Há outros fatores que podem causar a doença". diz Jorge. O segundo aspecto que chamou a atenção para o trabalho dos pesquisadores de Harvard foi observar que a incidência da esclerose múltipla aumentou 32 vezes após o contágio pelo Epstein-Barr, porém nenhuma mudança foi percebida depois que os mesmos soldados foram infectados por outros vírus. Sendo a esclerose múltipla uma enfermidade rara, autoimune, ou seja, o próprio sistema imunológico do individuo ataca o sistema nervoso central, especificamente as células nervosas do cérebro e da medula espinhal, ocasionando diversas limitações físicas ao doente, o descobrimento de mais uma peça do quebra-cabeça é importante para descobrir novos caminhos de tratamento para a esclerose múltipla. ■

DOENÇA DEGENERATIVA

A esclerose múltipla é uma enfermidade inflamatória e crônica que atinge o sistema nervoso e se desenvolve no cérebro e na medula espinhal. No Brasil há quarenta mil casos desse problema

A imagem em destaque mostra células nervosas comprometidas, os pontos alaranjados são inflamações que ocorrem na porção do neurônio chamada bainha de mielina, causando falhas na comunicação entre os neurônios

FOTOS: REPRODUÇÃO; MADS ABILDGAARD/ISTOCK PHOTO

Marketing de recompensas:

conquiste, engaje e fidelize clientes

Como fidelizar meus clientes? Como engajar mais? Como me diferenciar e conquistar promotores para a minha marca? Se você é gestor de alguma empresa ou trabalha com marketing, com certeza tem ou já teve essas dúvidas. Em cenários cada vez mais competitivos, é comum que as empresas busquem estratégias capazes de conquistar clientes e estreitar a relação com eles.

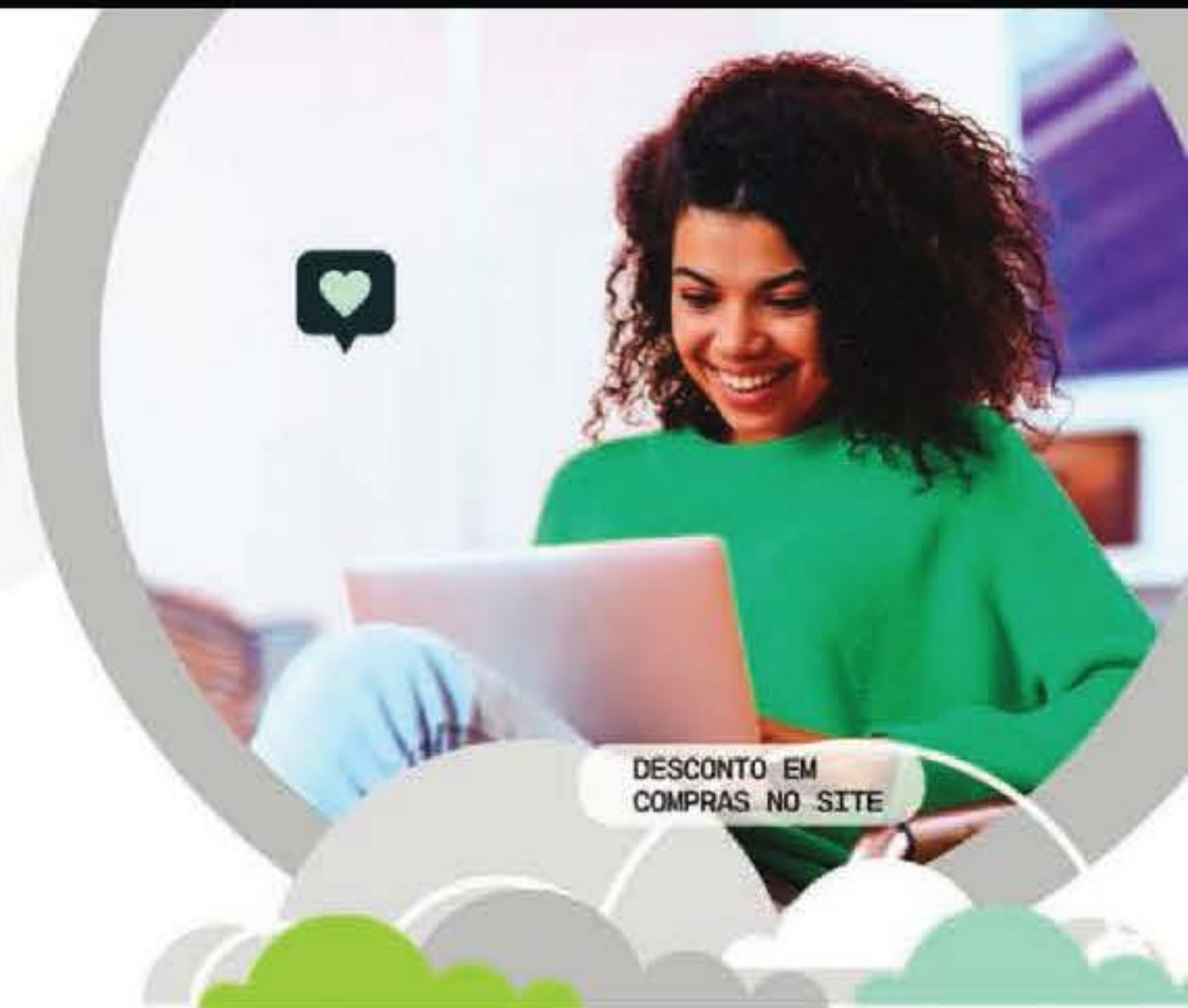
E com tanta informação, possibilidades e oportunidades surgindo a todo momento para os consumidores, sai na frente a empresa que consegue desenvolver ações que não só reconhecem a importância do cliente, como também resultam em otimização do engajamento e fidelização. Mas, afinal, o que fazer para destacar a sua marca?

Uma das possibilidades que surgiu no mercado e tem chamado a atenção, principalmente por ser acessível para empresas de todos os tamanhos, é o marketing de recompensas. Essa é uma estratégia de marketing que tem como objetivo estreitar a relação entre a marca e os seus clientes, por meio de um programa de recompensas.

Quais os benefícios de utilizar o marketing de recompensas?

A construção de um relacionamento de confiança entre as marcas e os seus clientes é essencial para qualquer empresa. Um cliente satisfeito pode se tornar um aliado especial, pois pode ser também um divulgador da sua marca.

O que muitas empresas ainda não conseguiram definir é a melhor forma de promover o engajamento e entusiasmar o consumidor a se relacionar mais estreitamente com a marca. Foi nesse contexto que surgiram os programas de fidelidade, em que o cliente adquire produtos ou serviços, ganha pontos e depois pode trocar por benefícios.

Um dos principais desafios nessa estratégia é a dificuldade, para o cliente, em reunir a quantidade de pontos necessária para fazer a troca. Além disso, o programa de fidelidade às vezes generaliza o perfil dos participantes. Por isso, algumas empresas já têm repensado a maneira de recompensar seus clientes.

E qual é esse novo jeito de se relacionar e encantar o seu público?

No Brasil, o marketing de recompensas já tem sido a escolha de grandes empresas do varejo, setor financeiro e até de startups.

A empresa líder nesse segmento é a Minu, que já atua há 14 anos oferecendo soluções com entregas de recompensas instantâneas, sem burocracia ou necessidade de acúmulo de pontos.

A estratégia une inovação, tecnologia e praticidade para oferecer a melhor solução em campanhas de marketing com entrega de recompensas instantâneas, que atendem a diferentes perfis de consumidores. "O marketing de recompensas valoriza a experiência de compra. Ninguém precisa esperar semanas ou até meses para ter a recompensa. O cliente resgata e recebe instantaneamente. Oferecemos um catálogo digital com centenas de parceiros e mais de 600 ofertas para as empresas disponibilizarem aos consumidores, com opções que vão desde créditos em telefonia e internet até descontos em produtos ou serviços de lojas parceiras.", conta o vice-presidente comercial e de marketing da Minu, Oswaldo Oggiam.

No momento em que o consumidor ganha imediatamente uma nova experiência e pode usufruir de maneira fácil e rápida, é muito provável que queira continuar se relacionando com a marca. Então, se a sua empresa procura adquirir ou reter clientes, trazendo retorno positivo, com baixo investimento e alta percepção de valor, o marketing de recompensas pode ser a solução ideal.

A vitória **do Xadrez**

Além de reduzir o tempo dos jovens diante do celular e videogame, a paixão pelo jogo milenar de tabuleiro levou uma diarista a se tornar enxadrista profissional

Fernando Lavieri e Taisa Szabatura

O xadrez é um jogo de estratégia em que antecipar o próximo passo do adversário é crucial para a vitória. Cibele Florêncio, de 24 anos, natural de Macaíba, no Rio Grande do Norte, sabe disso muito bem. O que a ex-diarista nunca poderia prever era o movimento que, fora dos tabuleiros, mudaria sua vida para sempre. Dividida entre os bicos como faxineira e a ajuda a mãe com o serviço de marmitas, ela sempre arranjou tempo para o jogo milenar, sua maior paixão. O talento e a determinação a levaram a disputar o Campeonato Mundial de Xadrez em Varsóvia, na Polônia, competição que a coroou como uma das melhores enxadristas do País.

De volta ao Brasil, ela só tem elogios ao alto nível de suas adversárias. "São grandes mestras, as melhores do mundo. Com o meu trabalho como faxineira, não sobrou muito tempo para treinar. Sou uma iniciante, fui lá para aprender", diz, com humildade. Mesmo sem patrocínio, treinador ou equipe, a potiguar venceu o campeonato estadual e foi vice-campeã brasileira. Sua viagem ao exterior, possível somente graças às doações que recebeu, foi fruto somente de seu empenho pessoal: Cibele treinava com a irmã, durante a noite e só quando sobrava tempo. Hoje, porém, as coisas são diferentes. "Minha vida mudou completamente, todo mundo quer conversar comigo. Tenho a oportunidade de entrar em uma faculdade. Os caminhos estão se abrindo." Cibele ganhou uma bolsa de estudos e vai cursar Educação Física. Ela também deixará o trabalho como faxineira para treinar em tempo integral - agora só falta encontrar um bom treinador.

PERSISTÊNCIA De diarista a enxadrista: Cibele Florêncio é vice-campeã brasileira

O xadrez surgiu na vida de Cibele ainda na infância, quando ela começou a praticar o jogo na escola. Interessou-se em disputar partdas, amadoras ou não. É na escola, aliás, que muitas crianças têm o primeiro contato com o tabuleiro. Se para alguns é só matéria escolar, para outros o xadrez acaba virando paixão. Foi o caso do estudante Diego Sashaki Haraguchi, de 13 anos. "No início, quando eu tinha oito anos, não gostava muito de jogar. Depois as coisas mudaram", afirma.

Considerado um prodígio no Clube de Xadrez de São Paulo, Diego treina no local e joga online com competidores do mundo inteiro. Em um caso raro na sua idade, diz que prefere o xadrez ao videogame. "Ainda não sei o que vou ser quando crescer. Só sei que gosto de jogar xadrez", diz. Celso Freitas, presidente do clube, diz que o número de praticantes jovens aumentou na pandemia e tem crescido desde que os eventos reabriram de forma presencial, em setembro. "É legal ver essa garotada se interessando por algo tão antigo, sem conexão com a internet e que ainda ajuda os adolescentes na hora da tomada de decisões", comemora. ■

FOTOS: VLADEMIR ALEXANDRE; ISTOKPHOTOS

EDUCAÇÃO
Estudantes recebem lições de português em Moçambique: até o final do século haverá mais pessoas falando a língua na África do que no Brasil

A língua portuguesa **pede passagem**

O idioma de Camões e Machado de Assis, o nono mais usado no mundo, com cerca de 250 milhões de falantes, terá um crescimento vertiginoso até o final do século, puxado pelo aumento populacional na África e pelo interesse chinês

Eduardo F. Filho

Os brasileiros gostam de achar que o seu jeito de falar é o correto, os portugueses garantem que o deles é o original e a referência do vernáculo, já os angolanos e moçambicanos, com outras dezenas de idiomas usados em seus territórios, não costumam entrar na discussão. A verdade é que a lingua portuguesa é heterogênea, diversa, com vários tipos de expressões, e tem sido cada vez mais falada ao redor do planeta para integrar os povos e tratar de negócios globais. Pouco importa a pronúncia regional. O fato é que cada vez mais gente se comunica usando "a última flor do Lácio", como definiu o poeta Olavo Bilac. De acordo com dados da instituição linguistica Ethnologue de 2020, trata-se da nona língua mais ouvida no mundo, com mais de 250 milhões de falantes espalhados em pelo menos 10 países e presentes em todos os continentes. Além disso, a principal novidade é que seu uso cresce aceleradamente nos Estados Unidos, na China e, em especial, na África.

O número de pessoas que falam o português avançou nos últimos dois anos. O Brasil ainda é o território onde a língua é mais usada, com cerca de 212 milhões de falantes, mas essa situação deve mudar. Estima-se que a partir de 2050 e até o fim do século, existam mais falantes do idioma na África, sobretudo devido ao encolhimento populacional brasileiro

e à explosão demográfica verificada em Angola e Moçambique. No conjunto, os dois países somarão cerca de 266 milhões de habitantes em 2100, ultrapassando o Brasil, com população prevista de 200 milhões. "Os jovens angolanos e moçambicanos cada vez mais adotam o português como primeira língua. Eles estão deixando de falar idiomas originais e perceberam que aumentarão suas chances de ter uma carreira profissional no futuro", diz Fleide Albuquerque, presidente da Sociedade Internacional de Português Lingua Estrangeira (SIPLE).

A verdade é que há interesse de vários países, em especial na Ásia, pelo português, já que é a sexta língua mais usada no mundo para se fazer negócios. A China é o país que mais investe no idioma atualmente. A principal parceira comercial do Brasil vinha usando Macau, cidade que foi domínio lusitano entre 1557 e 1999, como centro estratégico para intermediar essa aproximação entre os países lusófonos. Mas, agora, em todo o território chinês há pelo menos 55 universidades que oferecem cursos de graduação em português, que atraem mais de cinco mil alunos. Como termo de comparação, no Brasil há apenas um curso de graduação em mandarim, na USP. O plano chinês é investir na contratação de professores nativos do português que ajudem seus homens de negócios a dominar a língua, a fim de prepará-los para o mercado de trabalho no exterior e torná-los capazes de mediar planos comerciais.

A ONDA LUSÓFONA

Cresce o número de falantes da língua portuguesa

BRASIL

ANGOLA

PORTUGAL

MOÇAMBIQUE

EUA

CHINA

Não é a toa que o volume de investimentos chineses na África cresceu mais de 20 vezes nas últimas duas décadas e, desde 2009, o país é o maior parceiro comercial do Brasil, substituindo o primado histórico das relações com os Estados Unidos. "A China está investindo na cultura e no idioma, enquanto Angola, Portugal e até mesmo o Brasil não têm ambições políticas imperialistas ou armamentistas de domínio, ou seja, esse crescimento da língua não representa perigo nenhum para o mundo", diz Graça Riotorto, professora de linguística da Universidade de Coimbra. Os dez países com comunidades lusófonas tradicionais são Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, China, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste e Índia.

Além da África e da China, outro lugar onde o português tem despontado é os Estados Unidos, precisamente nas regiões de Connecticut, Massachusetts e Rhode Island, no nordeste do país. Nos três estados vive um grande número de portugueses, brasileiros e angolanos e o idioma ocupa o terceiro lugar entre os mais falados, atrás do inglês e do espanhol. Cerca de 850 mil pessoas, ou seja, 1,2% da população americana, falam o português atualmente. Existem evidências de que a língua portuguesa está pedindo passagem e se espalhando pelo mundo com naturalidade, trazendo junto com ela uma enorme carga cultural. E o mais incrível é que um idioma surgido em um país pequeno como Portugal tenha hoje esse alcance global e uma expectativa de uso tão promissora. ■

COMUNICAÇÃO Jornais em português são vendidos nas bancas de Macau: formação de homens de negócios

UTILIDADE Em 55 universidades da China há cursos de graduação em língua portuguesa

FOTOS: WILLIAM F. CAMPBELL/GETTY IMAGES; JASON LEE/REUTERS/FOTOARENA; ROMAN BABAKIN/ISTOCK PHOTO

por Eduardo F. Filho

Gente

Escolhida para viver a nova Juma

Bruno Luperi, autor da nova versão de *Pantanal*, novela das 9 prevista para estrear em março na Globo, tinha uma única exigência: a moça que interpretaria a nova Juma Marruá precisava ter um "olhar de onça". Paulista de Santo André, **Alanis Guillen** ganhou o papel não apenas pelos olhos, mas pelo talento e a beleza exótica. Aos 23 anos, ela havia protagonizado apenas a novela teen da casa, *Malhação*, em 2019, quando recebeu o convite para reviver a mulher durona interpretada pela atriz Cristiana Oliveira em 1990. Participou de três testes, entre outubro de 2020 e março de 2021. "Me segurei para não dividir isso com ninguém. Contei apenas para os meus amigos mais próximos e a minha família." Alanis passou alguns meses no Mato Grosso gravando com estrelas da emissora, como Juliana Paes e Jesuíta Barbosa, mas foi uma troca de mensagens com Cristiana, a Juma original, que tiraram o fôlego da jovem. "Ela disse que torcia por mim. Eu queria muito encontrá-la pessoalmente. A gente compartilha um personagem que mudou a vida dela e, com certeza, mudará a minha."

O craque do caos

A partir de terça-feira, 25, os assinantes da Netflix vão poder acompanhar um lado diferente de **Neymar**: ele promete abrir o jogo sobre sua vida particular, incluindo todas as controvérsias que o rodeiam. É isso, pelo menos, que anuncia a nova série documental *Neymar: O Caos Perfeito*, um mergulho nos bastidores da vida do craque brasileiro. Em três episódios de uma hora cada, o projeto mostra a ascensão do craque à fama desde os tempos do Santos, passando pela Seleção Brasileira e as temporadas no Barcelona e Paris Saint-Germain. A produção também vai abordar o seu lado empreendedor, por meio da empresa comandanda por seu pai, Neymar da Silva Santos. Estrelas internacionais como David Beckham, Lionel Messi e Mbappé falam sobre o brasileiro, além dos seus famosos "parças": Gabriel Medina, Daniel Alves e Thiago Silva.

FOTOS: MARCOS RAMOS/AGÊNCIA O GLOBO; NETFLIX

O lado B da maternidade

Uma das primeiras celebridades a mostrar o lado sem glamour da maternidade, a atriz **Samara Felippo**, mãe de duas filhas, se prepara para subir ao palco pela primeira vez desde o início da pandemia. Em *Mulheres que Nascem com os Filhos*, que estreia no dia 21, no Rio de Janeiro, a atriz interpreta um papel quase autoral que aborda as dificuldades de ser mãe solo no dias de hoje. "Quando me vi sozinha, separada, com duas filhas, o castelo da maternidade desmoronou. É cansativo e estressante ser mãe, e está tudo bem com isso. Ninguém nos contou quais seriam os protocolos", refletiu. Ela, no entanto, não nega a felicidade e os momentos gratificantes de ser mãe. Um deles foi quando Laura, de 8 anos, sua filha mais nova, tomou a vacina contra a Covid nos EUA. "É um alívio muito grande poder proteger minha menina", comemorou.

O novo mestre do carnaval

A época do ano favorita de **Marcelo Adnet** está chegando: o carnaval. Mesmo com a nova onda de Covid que assola o País, os desfiles na Marquês de Sapucaí (RJ) e no Anhembi (SP) estão mantidos, pelo menos por enquanto. O ator e comediante fará sua estreia como carnavalesco: ele compôs sambas-enredos para cinco escolas diferentes e ainda vai desfilar pela São Clemente, que homenageará o ator Paulo Gustavo. "Ele tem o tamanho do desfile: grande, barulhento, colorido, impactante e único. Faço questão de falar dele no presente", explica. Adnet foi o responsável por fazer a ponte entre a escola e a família de Paulo, que autorizou o desfile. O sambista ainda defendeu a realização do carnaval nos sambódromos e concordou com o cancelamento dos eventos de rua. "Teremos controle de público, só poderá entrar quem estiver vacinado. Se não houver um aumento no número de casos, acho que será possível realizar".

Ex de Bezos de olho no Brasil

A escritora **MacKenzie Scott**, ex-esposa do fundador da Amazon, Jeff Bezos, e uma das mulheres mais ricas do mundo, quer melhorar a vida dos brasileiros. Dinheiro para isso não lhe falta: após o divórcio, ela tem no banco cerca de US$ 53 bilhões. MacKenzie vai investir R$ 4 milhões na Vetor Brasil, ONG que forma lideranças para atuarem com mais qualidade no setor público. É a primeira vez que ela investe em organizações fora dos EUA. "Pessoas que lutam contra as desigualdades merecem o centro do palco", justificou. Sua vida pessoal continua discreta: enquanto Jeff Bezos virou arroz de festa ao lado de beldades bem mais jovens, MacKenzie vai completar em fevereiro um ano do casamento com o professor de ciência Dan Jewett.

Está difícil até para o Aquaman

Uma das histórias de amor mais bonitas de Hollywood chegou ao fim. ***Jason Momoa****, o astro de* Aquaman*, divulgou em suas redes sociais a separação da atriz Lisa Bonet. Os dois estavam juntos desde 2005 e são pais de Lola, 14, e Nakoa-Wolf, 13. "O amor entre nós continua, evoluindo da maneira que deseja ser conhecido e vivido", filosofou. A história de amor começou bem antes, em 1987, quando Jason tinha 8 anos e viu Lisa pela primeira vez na série* Cosby Show*. "Eu disse para a minha mãe que queria aquela mulher", revelou Jason, em uma entrevista. Ele afirma: foi difícil, mas conseguiu esconder a obsessão da amada ao longo dos anos. Em entrevista à revista Interview, Lisa afirmou que estava passando por "incertezas na vida". Em Hollywood, nem sempre o conto de fada tem final feliz.*

FOTOS: JULIANA COUTINHO; GILVÁN DE SOUZA/AGÊNCIA O DIA; REPRODUÇÃO; FRAZER HARRISON/GETTY IMAGES

e conteúdo

www.motorshow.com.br

A melhor informação para os apaixonados por velocidade, com notícias sobre os esportes a motor, conselhos para o consumidor e avaliações detalhadas sobre os carros à venda no Brasil.

Capas ilustrativas

www.dinheirorural.com.br

A mais completa revista sobre o agronegócio, informando e contribuindo para fortalecer os empresários e investidores do campo.

Todas as informações sobre o mundo das artes visuais e cultura contemporânea no Brasil e no mundo, com projeto gráfico ousado.

www.select.art.br

Já nas melhores bancas de sua cidade.

Para anunciar

Conecte sua marca ao público mais qualificado do segmento. Entre em contato com nossa equipe e anuncie. **(11) 3618-4269**

PRODUÇÃO DE ENERGIA SOLAR DOBRA com crise hídrica

Custos dos sistemas fotovoltaicos de geração de eletricidade caíram 40%. Novo marco garante isenção de tarifas para os entrantes apenas até o final do ano

Valéria França

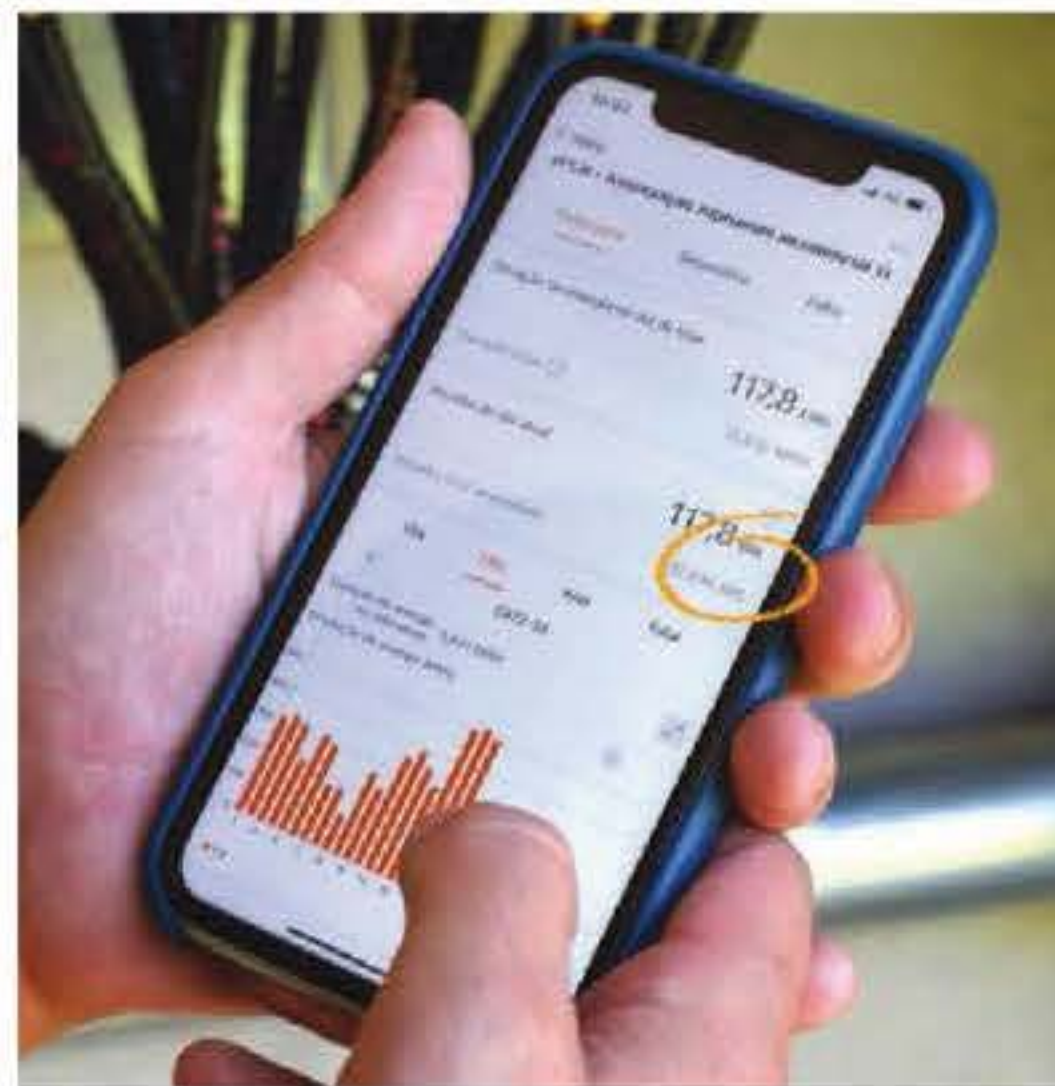
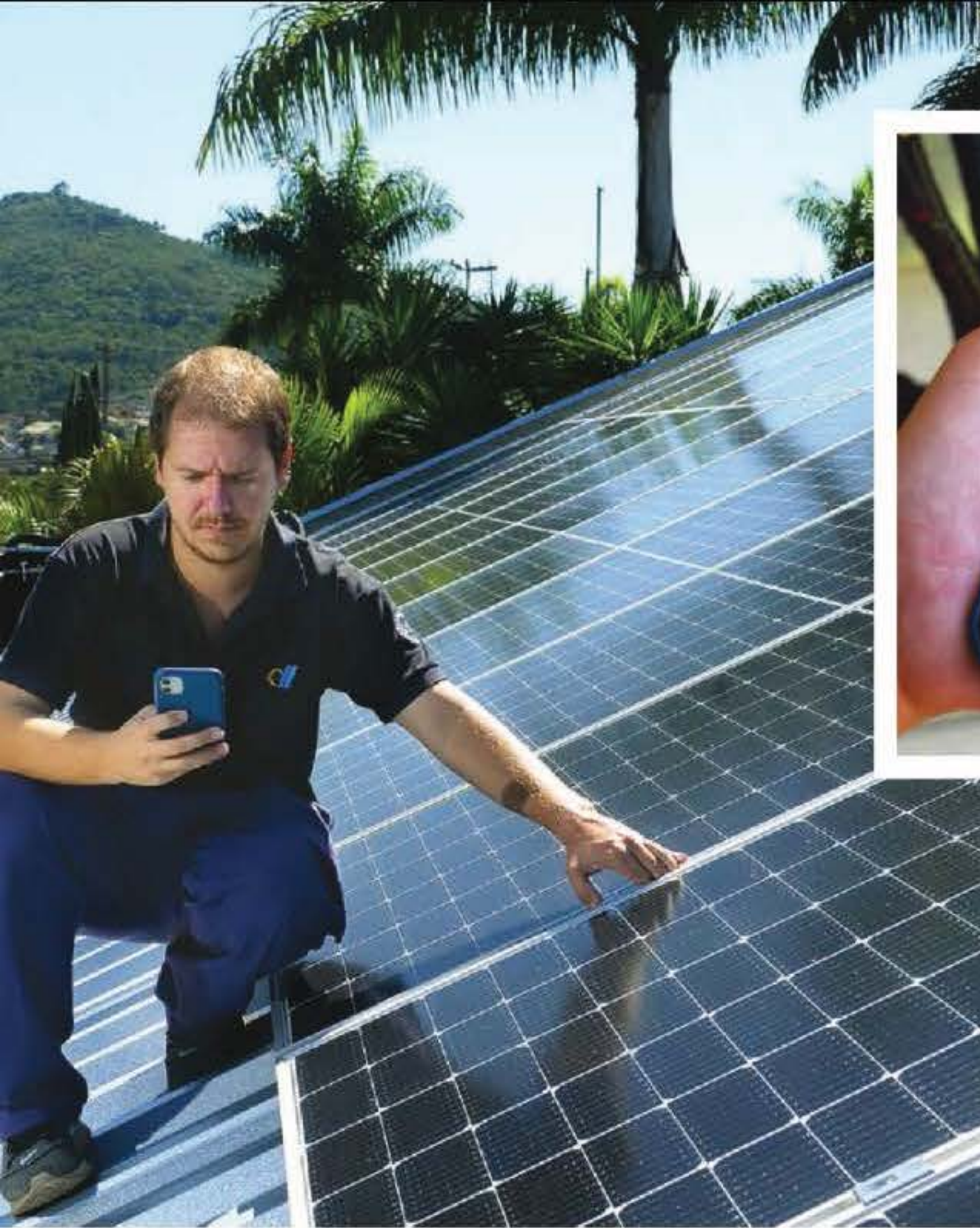
Diante da alta do custo da energia elétrica e da necessidade constante de expansão do sistema hidrelétrico, a matriz solar sempre foi promissora no Brasil, mas demorou décadas para decolar. O aquecimento do mercado veio depois de 2012, com a Resolução Normativa da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), que permitiu ao brasileiro gerar a própria energia a partir de fontes renováveis e receber créditos na conta de luz. Em 2016, o País tinha a capacidade instalada de 93 MW. No ano seguinte, passou para 1.160 MW. Em 2021, segundo a Associação Brasileira de Energia Fotovoltaica (Absolar), esse montante atingiu 13.000 MW, o dobro de 2020. A projeção é que a capacidade dê novo salto até o fim de 2022, chegando a 24.927 MW.

A boa expectativa tem a ver com o novo Marco Legal da Geração Distribuída no Brasil, que entrou em vigor este ano. "Ela deu segurança jurídica ao setor que até então estava apoiado em uma resolução da Aneel, que não tem a mesma força", diz Rodrigo Sauaia, presidente executivo da Absolar. A regulação incentiva ainda mais o consumidor, que viu a conta de luz subir o dobro da inflação oficial, desde 2015. Dados da Associação Brasileira dos Comercializadores de Energia (Abraceel) mostram que a tarifa de eletricidade acumulou alta de 114%, enquanto os preços e os bens de consumo subiram 48%.

MUDANÇAS NOS BENEFÍCIOS

De acordo com a nova lei, quem já está no mercado ou entrar no prazo de um ano (a contar da data de publicação) continua a não pagar a taxa de uso da rede de distribuição, chamada de Tarifa de Uso do Sistema de Distribuição. A Aneel estimou que essa isenção acarretaria R$ 65 bilhões de prejuízo para as concessionárias, entre 2020 e 2035 se a nova lei fosse aprovada. Elas pressionavam pela mudança, pois alegam que a energia solar distribuída diminuiu suas receitas, enquanto elas precisam continuar investindo para levar eletricidade a todas as casas. A partir de 2023, as regras mudam para os entrantes. As novas normas serão determinadas pela Aneel no prazo de 18 meses. Quem planeja investir nessa modalidade para sua residência com a isenção atual, precisa correr até o final deste ano.

O modelo de energia solar que transforma luz em eletricida-

FOTOS: MARCO ANKOSQUI, SP/BRA;

NO CELULAR Sistema de energia solar implantado em Alphaville, em São Paulo: o engenheiro Silvério controla a geração de eletricidade por meio de um aplicativo

de funciona a partir da instalação de placas fotovoltaicas, facilmente identificados nos telhados das casas. "Elas são ligadas a fios e cabos, que constituem um sistema que segue para uma central de alimentação independente do relógio de luz, onde chega a eletricidade da concessionária (no caso a Enel)", diz o engenheiro civil Thiago Ferreira Silvério, coordenador de manutenção do condomínio Alphaville 11, em Santana do Parnaíba.

"Nosso sistema começou a funcionar no início desde ano." Para abastecer a portaria 24 horas, a serralheria e o prédio da administração do condomínio compramos 216 placas (de 2m x 1,19 m), instaladas nos telhados dessas unidades depois de realizada a infraestrutura necessária, como caixa de passagens de fios, elevação do telhado e a construção da central, fotovoltaica. As obras duraram três meses e custaram meio milhão de reais.

Silvério tem um aplicativo no celular por onde controla a emissão de eletricidade pelo sistema. O objetivo é produzir 12 mil KW/hora ao mês, o que corresponde a 30% do consumo total de todas as áreas de uso comum do condomínio, como salões sociais e quadras esportivas. "Quando geramos mais do que o pretendido, o condomínio fica com um crédito junto à concessionária, que pode ser usado depois", explica Silvério. Todas essas informações aparecem no aplicativo.

Estudo realizado pela consultoria Greener aponta diminuição nos preços das peças desde o início da expansão. Um sistema fotovoltaico para uma residência com quatro pessoas custava R$ 35.080 em junho de 2016. No mesmo período de 2021, esse valor desabou para R$ 19.520. A redução foi de 40%. "As peças ganharam escala mundial", diz Claudio Loureiro da Array, empresa americana de energia solar. "No Brasil, as fintechs e bancos passaram a financiar o sistema solar." De acordo com o especialista, o valor investido no sistema volta para o comprador com o barateamento da conta de luz. O payback médio era calculado em cinco anos. Com a bandeira vermelha, passou para quatro anos.

Moradias populares já estão sendo construidas com sistema de geração de energia fotovoltaica. Em 2019, foram entregues 18 empreendimentos da Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano, totalizando 1.450 unidades de moradia em cidades do interior paulista como Dois Córregos e Bragança Paulista. Apesar da popularização, os sistemas com soluções arquitetônicas mais modernas ainda não estão disponíveis no mercado brasileiro. "Ainda não coloquei o sistema na minha casa, porque não encontro no país soluções mais aprimoradas, como as telhas que já funcionam como placas fotovoltaicas", diz a engenheira Maria Padovani, que mora em uma casa de 450 m2 na Granja Viana, em São Paulo. "Elas já existem, mas não estão à venda no Brasil." ■

RETORNO
Apoiado por direitistas, o magnata Berlusconi tem chance de ser eleito

Depois de ser anistiado por corrupção, o ex-primeiro-ministro Silvio Berlusconi quer voltar ao poder como presidente da Itália

Denise Mirás

Afastado da política por corrupção e escândalos sexuais, o magnata Silvio Berlusconi ressurge aos 85 anos como candidato à Presidência da República na Itália, que tem eleições no próximo dia 24. Dono do grupo de comunicação Fininvest, do qual faz parte a Endemol, que exporta programas como Big Brother, é o 327º colocado na lista de bilionários de 2021 da revista *Forbes*, com fortuna avaliada em US$ 7,6 bilhões (perto de R$ 42 bilhões).

Para voltar ao poder, precisará angariar 1.009 votos secretos de senadores, deputados, delegados regionais e representantes de minorias linguísticas. Para ser eleito, o candidato tem três rodadas para alcançar dois terços dos votos (673), ou passa à quarta tentativa precisando de maioria absoluta (505). O presidente Sergio Mattarella encerra o mandato de sete anos em 3 de fevereiro e abre caminho para o bem-sucedido primeiro-ministro Mario Draghi, que tem apoio de mais de 50% dos italianos, segundo pesquisas – contra 39% do adversário.

Berlusconi foi banido de cargos públicos e ficou inelegível por seis anos. Quer se reabilitar depois de cair em desgraça. Condenado a quatro anos de prisão por fraude fiscal em sentença de 2012, acabou anistiado, com pena convertida em um ano de serviços prestados a um asilo. Mas ainda responde por suborno de garotas de programa que participavam das famosas "bunga-bunga" – as festas em sua mansão assim batizadas a partir de uma piada de mau-gosto sacada pelo amigo Muammar Khadafi, o sanguinário ditador da Líbia deposto em 2011.

Primeiro-ministro da Itália por quatro vezes, Berlusconi tenta se reabilitar aprumando a cara de pau (de plásticas, na verdade) e fazendo declarações em que se refere a si mesmo na terceira pessoa. "Creio que Silvio Berlusconi pode ser útil para o país", declarou solenemente. No anúncio de página inteira que mandou publicar em seus jornais, no último dia 13, para marcar o lançamento de sua candidatura, se declara um "herói da li-

FOTO: PIERO CRUCIATTI/ANADOLU AGENCY VIA AFP

berdade" e "exemplo para todos os italianos", no melhor estilo cesarista. Líder do partido conservador Forza Italia, que se coliga com as legendas de ultradireita Lega e Fratelli d'Italia, Berlusconi espera arrebanhar apoiadores com seu discurso machista-debochado. Seu plano seria contar com a eleição secreta, para ser eleito na quarta rodada, com apoio dos conservadores.

Se desistir da candidatura, Berlusconi apoiaria a reeleição de Sergio Mattarella. Mas o atual presidente teme abrir caminho para um mandato tão longo (em 75 anos de República, apenas Giorgio Napolitano, em 2013, foi reeleito) e quer passar o bastão para seu primeiro-ministro (o que forçaria a antecipação das eleições gerais). Mario Draghi, 74 anos, foi levado ao cargo por Mattarella em janeiro de 2021, em substituição a Giuseppe Conte (que renunciou), e conta com apoio de uma coalizão nacional que une da esquerda à extrema-direita no Parlamento. Como candidato ainda não-declarado, Draghi é favorito mesmo sob a ameaça de Berlusconi tirar o apoio do Forza Italia.

A saída do primeiro-ministro do cargo geraria um problema. Seu governo levou estabilidade ao país e sua liderança como ex-presidente do Banco Central Europeu é reconhecida no continente. Draghi ganhou ainda mais respeito com o bom uso dos 200 bilhões de euros (R$ 1,25 trilhão) do fundo da União Europeia para reestruturação econômica na pandemia. Além de Draghi e Berlusconi (por muitos tratado como zebra), devem concorrer Paolo Gentolini (comissário da EU, ex-ministro) e três mulheres, atendendo à pressão de movimentos populares: Marta Cartabia (ministra da Justiça, ex-presidente do Tribunal Constitucional). Emma Bonino (ex-ministra das Relações Exteriores) e Elisabetta Casellati (presidente do Senado). Fora o espalhafatoso Berlusconi, os outros mantêm a tradição de não se declararem candidatos até o último momento. ■

FOTO: REPRODUÇÃO

Boris está por um fio

Com correligionários cansados de escândalos e mentiras, é real a chance de o primeiro-ministro ser destituído

Denise Mirás

Na eleição extraordinária em North Shropshire, em dezembro, o Partido Conservador britânico perdeu uma vaga que ocupava no Parlamento há dois séculos. O Partido Liberal Democrata ficou com a cadeira do arquirrival. Eleita, Helen Morgan resumiu: "Nosso distrito falou em nome do povo britânico: Boris Johnson, a festa acabou".

Desde dezembro, a situação do primeiro-ministro só piorou. A celeuma sobre verbas mal explicadas para o financiamento de reformas em Downing Street (residência oficial do premiê) evoluiu para escândalos de festas regadas a vinho nos jardins da casa, quando confraternizações estavam proibidas na fase mais dramática da pandemia.

Os próprios correligionários não engoliram as desculpas de Boris Johnson, de que "não sabia" de confraternizações com 100 pessoas no seu próprio quintal. Quem o acusou de mentir foi Dominic Cummings, seu ex-conselheiro. Cummings disse que alertou Boris de que seu secretário pessoal, Martin Reynolds, organizava o convescote, pedindo que as pessoas levassem as próprias bebidas. Segundo o ex-aliado, o primeiro-ministro ignorou e há testemunhas. Um vexame.

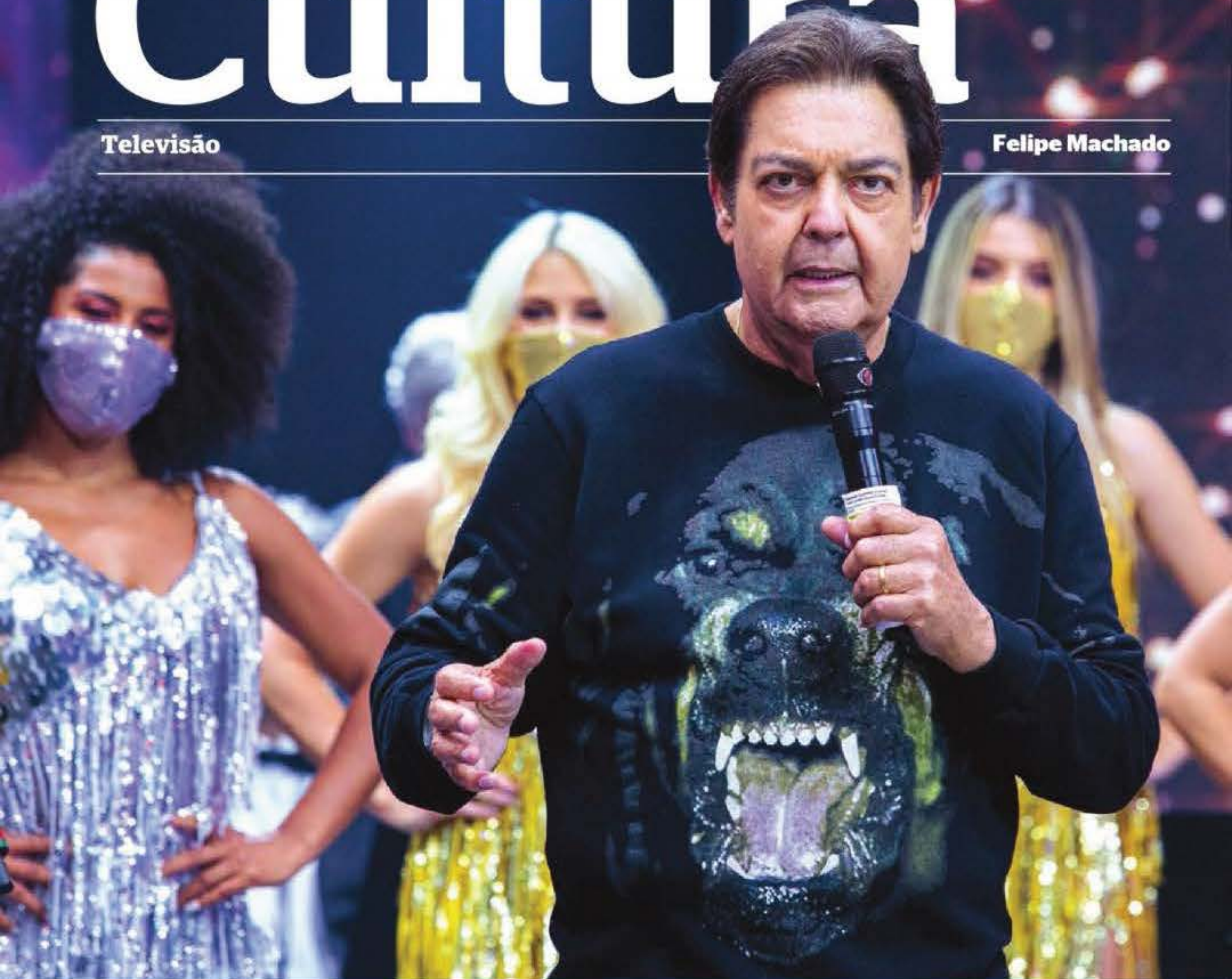
Figura controversa e midiática que chegou ao posto de premiê durante a conturbada aprovação do Brexit, do qual foi um dos arquitetos, Boris nunca esteve tão perto de cair. Há mecanismos no parlamentarismo britânico para isso. E o golpe pode vir dos próprios conservadores. Deputados do seu partido debatem um possível voto de desconfiança, que pode ir a plenário bastando reunir 54 nomes de um total de 360 parlamentares.

Mas a queda também pode ser retardada até as eleições locais de maio, segundo Carolina Pavese, doutora em Relações Internacionais pela London School of Economics. "Ninguém quer bater de frente para não se comprometer. Podem deixá-lo em banho-maria, esperando que o Partido Conservador tenha assegurada sua base nas eleições, para só então tomarem uma atitude", avalia. País acostumado aos escândalos, ao mesmo tempo em que é obcecado pela disciplina coletiva, o Reino Unido parece preparar uma saída na melhor tradição britânica para o premiê bufão. ■

EM LONDRES Protesto contra o premiê em Downing Street, dia 14

Cultura

Televisão

Felipe Machado

Semanão do

O apresentador estreia na Band em um programa de auditório parecido com o que tinha na Globo – e era exatamente isso que seu público queria

AMULETO
Faustão na estreia: camiseta de grife com estampa de cachorro foi usada em 2019 e virou um popular meme na internet

“Faustão é perfeito. É apaixonado pelos colegas e respeita os profissionais com quem trabalha. A TV brasileira vai experimentar uma nova revolução”
Boni, executivo e pioneiro da TV

Quem zapeava pela TV aberta na segunda-feira à noite deve ter ficado confuso: assistir ao apresentador Fausto Silva na Band em um dia de semana deve ter feito muita gente achar que tinha voltado no tempo. Depois de 33 anos reinando absoluto nas tardes de domingo da Globo, ele volta à emissora que o catapultou à fama – e com um programa bem parecido com o que o consagrou durante mais de três décadas. O público aprovou: a estreia alcançou 8,3 pontos de média em São Paulo, o mercado mais importante do País. Chegou a picos de 9,5 pontos, ficando atrás apenas da Globo, que marcou 22,7. Vale lembrar que sua antiga casa levou a guerra a sério e escalou a maior aposta do ano para o mesmo dia, o reality show *Big Brother Brasil*.

Apesar de toda a expectativa com o “novo” programa de Faustão, o que menos se viu foram novidades. O apresentador manteve a presença do público e o auditório, as bailarinas ainda ocupam o palco – agora, de máscaras – e o bordão “ô, loco, meu” segue no repertório. A grande diferença é a frequência, pois o programa dominical se tornou diário, de segunda a sexta, das 20h30 às 22h30. O formato é corajoso: aos 71 anos, ele vai encarar dez horas no ar por semana – algo que não arriscou nem quando revolucionou a TV à frente do *Perdidos na Noite*, na mesma Band, nos anos 1980.

Se é que há uma novidade, é a presença de dois co-apresentadores. A jornalista Anne Lottermann e João Guilherme Silva, filho do apresentador. Faustão não poupou o rebento: “ele está comigo porque a Band é uma emissora de família”, brincou. Dividir o palco com o rei do auditório, no entanto, não é para qualquer um – visivelmente ansiosa, a dupla ainda vai demorar para se sentir à vontade ao lado de um dos maiores comunicadores da história da TV brasileira.

O fato de *Faustão na Band* não trazer novidades não é necessariamente algo negativo. O formato tradicional e a opção pelo estilo “alto astral” devem ter sido opções conscientes. O rosto conhecido e o tom de voz familiar trazem segurança a um público que está cansado de acompanhar as tragédias pandêmicas nos jornais da noite. É bom lembrar também que, por mais que o streaming tenha conquistado a classe alta, ainda está distante da realidade de milhões de brasileiros. Enquanto isso, a TV aberta, criticada e considerada ultrapassada, continua chegando a 97% dos lares brasileiros, o que ainda a mantém, de longe, a forma mais democrática de entretenimento para a família. É isso que Faustão promete e entrega: um ambiente controlado, quadros ino-

NOVOS VELHOS QUADROS

DUAS HORAS DIÁRIAS DE ATRAÇÕES, DE SEGUNDA A SEXTA

PIZZARIA DO FAUSTÃO
Palco vira uma vila italiana com vinho e bate-papo

GRANA OU FAMA
Show de calouros com jurados como Ronnie Von e Bianca Rinaldi

DANÇA DAS FERAS
Concurso escolherá os melhores dançarinos – mas sem famosos

NA PISTA DO SUCESSO
Game show musical, nos moldes de *Qual é a Música?*

CHURRASCÃO DO FAUSTÃO
Famosos e se divertem com participação da platéia

FOTOS: RODRIGO MORAES/BAND; REPRODUÇÃO

PROGRAMA EM FAMÍLIA

Os novos companheiros de palco de Faustão têm trajetórias distintas. João Guilherme Silva, primogênito do apresentador, tem apenas 17 anos e é um iniciante na profissão. "Desde moleque eu sempre quis trabalhar com TV, estou super animado", comemorou. O incentivo também vem de uma mudança radical: em 2020, ele passou por uma cirurgia bariátrica e perdeu 75 kg. "A saúde e auto estima me tornaram uma pessoa ainda mais feliz." Já a jornalista Anne Lottermann tinha uma carreira sólida no jornalismo antes de trocá-lo pelo entretenimento: trabalhou na GloboNews e na BandNews, antes de apresentar a previsão do tempo no RJTV e no Jornal Nacional. A nova posição vai garantir sua independência financeira: na Band seu salário será de cerca de R$ 80 mil – bem maior que na emissora carioca.

fensivos, atrações populares. Do neto a avó, "Faustão na Band" pode agradar a todos – ou, pelo menos, não desagrada ninguém.

O fato de manter praticamente o mesmo programa que fazia na Globo confirma que o apresentador trocou de emissora por pressão interna. Os valores da negociação com a Band não foram divulgados, mas dificilmente chegam aos R$ 5 milhões que ele ganhava antes entre salário fixo e comissão publicitária, modelo que a Globo não desejava manter. A gota d'água foi a substituição do diretor executivo Carlos Henrique Schroder por Ricardo Waddington, com quem Faustão teve rusgas no passado. A proposta para que ele trocasse as tardes de domingo pelas noites de quintas-feira pode ter sido apenas um blefe – e foi considerava ofensiva. Faustão negociou com a Band e, contrato fechado, comunicou a Waddington sua decisão. Quando tirou uns dias para uma pequena intervenção hospitalar, o executivo deu o troco e avisou que ele nem precisaria voltar: estava afastado definitivamente. Com 33 anos de casa, Faustão não pode sequer se despedir de seu público.

Querido pelo mercado publicitário, Faustão se envolveu pessoalmente na negociação e convenceu cerca de 20 grandes marcas a patrocinarem seu novo programa, do Magazine Luiza e Seara a Caixa Econômica e lojas Havan. A pluralidade também é fruto da posição da Band em relação ao governo federal: entre as críticas da Globo e o apoio desmedido de canais como SBT e Record, a Band manteve uma certa neutralidade. Mesmo assim, Luciano Hang, dono da Havan e apoiador do presidente Jair Bolsonaro, não deve ter gostado de ver o cantor Seu Jorge defendendo as vacinação de crianças no programa que patrocina. Esse é outro desafio de Faustão: manter seus convidados longe da polarização política em pleno ano de eleição.

Se um programa semanal já era difícil, fazer cinco programas semanais será um desafio ainda maior – mesmo que eles não sejam exibidos ao vivo, como na Globo, mas gravados. Essa rotina exige um fôlego impressionante, porque os imprevistos podem interferir no planejamento de centenas de profissionais. Na quarta-feira 19, por exemplo, Faustão e Anna Lottermann testaram positivo para Covid-19. Apesar de já ter edições prontas até dia 26 de janeiro, isso mostra como tudo pode mudar de uma hora para a outra. Em relação aos quadros, muitos foram reciclados do Domingão: as videocassetadas são as mesmas, enquanto a *Dança dos Famosos* virou *Dança das Feras* e o *Arquivo Confidencial* foi rebatizado como *Esta é a sua Vida*. Tudo pode parecer bastante previsível, mas, no caótico Brasil de hoje, isso não deixa de ser um alento. ■

Ô LOCO, MEU!

1970
Fausto começou como radialista esportivo. Passou pela Record e Globo, onde trabalhou com Osmar Santos

1986
A estreia do programa *Perdidos da Noite*, na Band, o tornou um ídolo cult. Sua marca era a irreverência e o bom humor

1989
Estreou o *Domingão do Faustão* na Globo, onde ficou 33 anos no ar e apresentou mais de 1700 programas

1991
No auge do sucesso ele foi parar até no cinema: a comédia *Inspetor Faustão e o Mallandro*. O filme foi um fracasso de bilheteria

2021
Deixou a Globo após uma internação. Sua mulher, Luciana, elogiou Tiago Leifert, mas Luciano Huck que assumiu o programa

FOTOS: RODRIGO MORAES/BAND; JOÃO CALDAS/FOLHAPRESS; LUIZ EDUARDO PEREZ/FOLHAPRESS; REPRODUÇÃO

Documentário *Já que Ninguém me Tira Para Dançar* conta a trajetória da atriz que revolucionou os costumes brasileiros e se tornou um ícone feminista dos anos 1960

Felipe Machado

REVOLUCIONÁRIA Leila Diniz: atitude libertária era considerada subversiva pelo regime militar

O furacão Leila Diniz

Leila Diniz participou de 14 filmes, 12 novelas e diversas peças de teatro, mas seu papel mais importante não foi como atriz. A bela carioca de Niterói tornou-se, ainda jovem, um símbolo da emancipação feminina nos anos 1960, uma nova mulher brasileira que surgia poderosa e empoderada muito antes desse termo existir. Embora não tenha entrado para a história por sua qualidade como artista, sua importância cultural permanece incontestável. Hoje, cinco décadas após sua morte, essa relevância e influência podem ser melhor compreendidas graças a *Já que Ninguém me Tira para Dançar*, documentário dirigido pela amiga Ana Maria Magalhães que está no acervo da plataforma de streaming Itaú Cultural Play. Filmado em 1982, o longa restaurado em 2015 traz depoimentos dos ex-maridos da atriz, os cineastas Domingos Oliveira e o moçambicano Ruy Guerra, pai de sua filha, Janaína, além de artistas como Marieta Severo, Betty Faria e Paulo José, entre outros.

Leila Diniz tornou-se musa do Cinema Novo e da juventude de Ipanema graças a sua beleza, mas, principalmente, por sua atitude livre e desprendida. "Era uma mistura e Marilyn Monroe e Dercy Gonçalves", definiu o diretor Luiz Carlos Lacerda. A comparação se deve ao corpo escultural de Leila, no caso da atriz americana, e da ausência de papas na língua, no caso de Dercy. O uso do palavrão, hoje um recurso até ingênuo, era visto na época como uma forma de rebeldia. "O palavrão virou verdade em mim. E quando é verdade todo mundo aceita", dizia Leila. A histórica entrevista que deu para a revista Pasquim a transformou em ícone da subversão: "você pode muito bem amar uma pessoa e ir para a cama com outra. Já aconteceu comigo", afirmou. As declarações não foram bem vistas pelo regime militar, que a considerava "uma ameaça aos bons costumes". Pressionada, a TV Globo não renovou seu contrato, e a atriz ficou limitada a atuar no teatro de vedetes. A vida intensa e alegre foi interrompida cedo: em 1972, aos 27 anos, sofreu um acidente aéreo fatal quando viajava do Japão para a Índia. Além das obras que deixou como atriz, ela segue viva nas canções e filmes para os quais serviu de inspiração, como o samba *Leila Diniz*, de Martinho da Vila, e o longa *Todas as Mulheres do Mundo*, de Domingos Oliveira. Fica também a imagem de uma mulher à frente do seu tempo, um farol para as novas gerações que continuam a buscar a igualdade entre homens e mulheres. ■

FOTO: ARQUIVO/AGÊNCIA O GLOBO

DIVERSÃO *The Afterparty*: produção reúne elenco afinado e formato original

STREAMING

Mistério para morrer de rir

Nova série da AppleTV+ sobre crime que acontece durante festa de ex-colegas alterna momentos de suspense e comédia

Uma turma de ex-colegas se reúne para comemorar os quinze anos da formatura do colégio. A festa acontece na mansão de um deles, o agora bem-sucedido cantor Xavier. Apesar de ele ter se tornado um famoso astro do rock, no entanto, é odiado por todos. E acaba assassinado misteriosamente: todos os convidados são suspeitos. Mas quem teria cometido o crime? A premissa de *The Afterparty* pode não ser nova, mas o formato, sim: em uma mistura de comédia e série policial, a nova produção da AppleTV+ traz cada episódio em um estilo cinematográfico diferente, do musical ao thriller. A história é sempre a mesma, mas o formato é definido de acordo com a personalidade de quem conta a história. O depoimento do apaixonado Aniq (Sam Richardson), por exemplo, é no melhor estilo das tradicionais comédias românticas; já a versão contada pelo fortão Brett (Ike Barinholtz) traz aquele ritmo típico dos filmes de ação. *The Afterparty* é uma criação de Phil Lord e Chris Miller, que também dirige a série. A dupla já havia trabalhado no seriado *Anjos da Lei* e nos filmes da Lego, além das animações *Tá Chovendo Hambúrguer* e *Homem-Aranha no Aranhaverso*, que ganhou o Oscar em 2019.

BONS ATORES ROUBAM A CENA

Além da concepção original, o destaque na série *The Afterparty* é a química do elenco — o entrosamento dá a impressão de que eles são, mesmo, ex-colegas de colégio. Os destaques vão para Ben Schwartz (*Sonic, House of Lies*) e Sam Richardson (da série *Veep*). "Se eu estivesse em uma festa como na série, eu tentaria desvendar o crime", afirma Richardson à ISTOÉ. "Atuar em estilos diferentes foi um grande desafio, uma aula compartilhada por todo o elenco."

PARA LER

Em uma linguagem didática e belos infográficos, ***"O Livro da História Negra"*** traz à luz histórias sobre a cultura do povo negro e citações de personalidades como Nelson Mandela e Martin Luther King, além de conteúdo sobre eventos no Brasil.

PARA VER

Baseado em uma história real, ***"O Caso Collini"*** (Netflix) é um drama de tribunal com final surpreendente. O filme alemão traz o julgamento de um homem condenado pela morte de um empresário cujo passado esconde um segredo.

PARA OUVIR

Elvis Costello está de volta com um álbum repleto de riffs de guitarra e melodias brilhantes: *The Boy Named If* traz a banda The Imposters e letras que refletem sobre a infância e a maturidade.

FOTOS: DIVULGAÇÃO; REPRODUÇÃO

por Felipe Machado

TEATRO

Homenagem à metrópole

Na semana em que a capital paulista comemora 468 anos, a atriz Regina Braga sobe ao palco para um espetáculo que homenageia a cidade: ***São Paulo,*** que estreia em 28/1, marca também a reabertura do Teatro Unimed, fechado na pandemia. Dirigida por Isabel Teixeira, a peça reúne casos que vão das primeiras visões do Padre José de Anchieta à poesia de Itamar Assunção, passando por relatos de Mario de Andrade e Guilherme de Almeida. A música é o fio condutor: canções inspiradas pela cidade compõem a trilha sonora.

MOSTRA

O cinema de um mestre britânico

O premiado diretor de *Brazil: o Filme*, *Doze Macacos* e *Monty Phyton em Busca do Cálice Sagrado* (foto) é o tema de uma exposição recém-inaugurada no Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio de Janeiro. Em cartaz até 31/1, a mostra ***Terry Gilliam — O Oníricoanarquista*** exibirá seus 28 filmes em sessões presenciais, além de promover debates e palestras online sobre sua carreira no site da instituição. A retrospectiva do popular artista britânico de 81 anos tem curadoria do crítico Eduardo Reginato e do cineasta Christian Caselli.

EXPOSIÇÃO

A intimidade dos modernistas

Considerada a maior mostra sobre o modernismo brasileiro até hoje, ***Era uma Vez o Moderno (1910-1944)*** reúne mais de 300 obras, cartas, manuscritos e documentos inéditos dos principais artistas do movimento cujo ponto alto, a Semana de Arte Moderna, completa 100 anos em 2022. Destaque para raridades como o diário de Anita Malfatti, de 1914, que traz reflexões sobre sua primeira exposição individual em São Paulo, e a exibição do quadro *Homem Amarelo* (foto), que foi exposto na Semana de 22. A mostra é gratuita e está em cartaz no Centro Cultural da Fiesp, em São Paulo, até 29/5.

FILME

Macbeth, na visão de Joel Coen

Os irmãos Joel e Ethan Coen são conhecidos pelo talento e parceria de 40 anos atrás das câmeras. Pois pela primeira vez Joel lança um filme sem o irmão: *Macbeth* (Apple TV+), estrelado por **Denzel Washington** e Frances McDormand, é uma brilhante adaptação da história mais violenta de William Shakespeare. Filmado em preto e branco com muitos contrastes — influência do expressionismo alemão — e cenários minimalistas, a obra de Joel Coen é uma versão intimista e original desse clássico.

por Mentor Neto

Escritor e cronista

UM EXECUTIVO BAIXO CLERO

É um Catch-22: para saber se você é um ignorante você não pode ser, justamente, um ignorante, já que faltam aos ignorantes as ferramentas analíticas para que reconheçam sua condição.

Você pode acusar o presidente Bolsonaro de muita coisa, mas não pode acusá-lo de ignorante.

Ah, isso não pode. Um tosco até conseguiria mais de 30 anos na vida política. Um ignorante, jamais.

Portanto, como não é um ignorante, quando percebeu que poderia ser eleito, Bolsonaro deve ter perdido o sono.

Afinal, sabia que no baixo clero, como não estava sob os holofotes da mídia, qualquer polêmica trimestral fazia com que fosse lembrado pelos seus eleitores e pronto. Podia voltar às trevas e não precisaria aprovar, como não aprovou, patavina de projeto nenhum.

É provável até que o candidato Bolsonaro não tenha entrado na campanha para Presidência com a pretensão de ganhar. Entrou para garantir mais uns meses de polêmicas que poderiam fazer com que abocanhasse um cargo de senador no futuro, quem sabe?

Presidência ele não esperava, mesmo porque, em sua não ignorância, Bolsonaro sabe de suas limitações.

Prova disso foram suas afirmações nas primeiras sabatinas a que foi exposto, por exemplo, no programa da jornalista Mariana Godoy, onde admitiu pela primeira vez que não entendia nada de nada e que contaria com especialistas para virtualmente tudo que fosse governar.

Depois dessa entrevista, quando chegou a casa, imagino o diálogo:

— E aí mozão, como foi com a Mariana? — pergunta a futura primeira-dama.

— Foi complicado, amor... esses jornalistas são cheio dos mimimi. Acham que você tem que saber de tudo para ser presidente. — Responde o candidato, tirando os sapatos.

— Mas você sabe amoreco! Você sabe de tudo! Toma aqui seu St. Remy e dá aqui esses pezinhos.

Assim, o primeiro ano de sua presidência, 2019, deve ter sido assustador para nosso presidente.

Não havia polêmica que bastasse e os resultados dos especialistas estavam muito aquém do que se esperava.

Veio 2020 com o presidente perdendo até o apoio do oráculo de Carvalho.

Ou seja, em algum ponto do início de seu segundo ano de mandato, o presidente já tinha entendido que uma polêmica trimestral aos moldes do baixo clero não seria suficiente.

Foi então que aconteceu.

O que para milhões e milhões mundo afora foi a maior tragédia dos últimos cem anos e para mais de 600 mil brasileiros e suas famílias significou mortes trágicas, para o presidente e sua equipe foi a saída que necessitavam para não oferecer resultados em qualquer setor. Da Economia à Infraestrutura. Da Educação à Agricultura.

"Bolsonaro provou, em quatro anos, que é possível governar apenas com polêmicas e não com resultados"

Um tema complexo, de longa duração, fresquinho para criar polêmicas não a cada três meses, mas todas as semanas. Às vezes todos os dias!

Inteligente, o presidente agarrou-se à pandemia para trazer o baixo clero do Congresso para o Executivo.

Assim, durante os dois últimos anos, os brasileiros foram capturados por um estado de coisas que garantiu o bordão "você pode tirar o presidente do baixo clero, mas não tira o baixo clero do presidente".

Agora, quando chegamos aos derradeiros meses da gestão Bolsonaro, chega também o momento de o presidente agradecer.

Agradecer aos chineses. Agradecer à OMS. Agradecer a todos os profissionais de saúde competentes que o confrontaram. E a todos os jornalistas que, atônitos com suas afirmações primárias, negacionistas e frequentes em relação à profilaxia, tratamento e vacinas de Covid-19, deram condições para o presidente não enfrentar nenhum outro, dos infinitos desafios de governar o Brasil.

De nada, presidente.

milk & mellow

ifood